cariquice

publicação trimestral . ano vi . n:25 . abr/mai/jun 2010
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano vi . n:25 . abr/mai/jun 2010

"Eu fui fazer um samba em homenagem à nata da malandragem"
apud Chico Buarque

Marcelo Zona Sul
Só Rio com meu Rio

cariquice

Imagine uma agência que é tendência até para quem dita tendências.

**Novas agências Itaú.
Um compromisso
com uma nova forma
de atender você.**

Itaú. Feito para você sonhar.

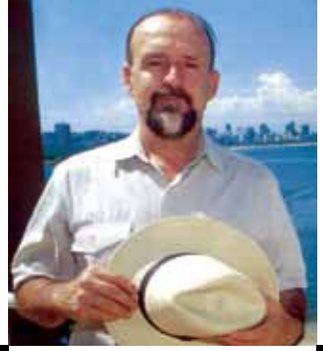
Itaú

As novas agências Itaú contam com aplicativos eletrônicos para atendimento rápido, mais tecnologia nos caixas eletrônicos, nova gerência de negócios e muito mais conforto e espaço para você. Para saber mais, acesse **itaufeitoparavocesonhar.com.br**

Tufi Duek - estilista e cliente Itaú.

Tufi Duek doou seu cachê a uma instituição.

Africa



artistas no Retiro

Esquina do Ricardo

Não costumo exteriorizar emoções causadas pelo fluir de experiências pessoais. Mas há pouco tempo denunciei aqui o estado de abandono a que a chamada "ingratidão nacional" confinou a cantora Carmélia Alves, uma diva da era do rádio. Levado por Júlio Bueno (futuro presidente do Fluminense Futebol Clube) e pelo líder dos artistas, Stepan Nercessian, fui há poucas semanas ao Retiro dos Artistas, para onde conduzi, precisamente, a Carmélia Alves. Que relutava — o que ocorre mesmo a quem não conhece o Retiro — em lá ficar e viver. Tomo o verbo viver como paradigma do que testemunhamos nessa visita emocionante, porque reveladora. Para início de conversa, o Retiro é uma comunidade situada em fragmento verdejante e bucólico da mata de Jacarepaguá.

Desde a entrada, uma atmosfera de simpatia e de felicidade nos envolveu. E de imediato nos cativou. A simplicidade e o afeto perpassam pelos rostos do pessoal de apoio. E culminam nos titulares das casas e das suítes, os artistas, os velhos artistas abandonados pela família, ou pela desfamília, ou — o mais certo — pelo Estado brasileiro. E que oásis vi no Retiro. Que cuidados generosos em todos os detalhes, que vão do lazer com shows e peças no Teatro Iracema de Alencar — item essencial para os que foram do palco a vida toda — até a enfermaria, a lavanderia e o restaurante. Que apresenta comida decente e qualificada. Com os tantos desgostos que o país nos provoca por obras inúteis e perdulárias, soube que o Retiro existe — a duras penas — desde 1918. E que foi oficializado pelo Sindicato dos Artistas em 1964.

Hoje muitíssimo bem administrado pelo grupo liderado por Stepan Nercessian, quem lá vai pode de imediato comprovar: ele é mesmo modelar. O que — para velhos batalhadores como eu em favor de dignificar memórias e gente que valem a pena — revigora, retonifica. E até apascenta nossas consciências febris e quase sempre indignadas. Posso dizer daqui — com segurança — que há, sim, um porto seguro para minhas velhas amigas, as cantoras do rádio. Que precisam de abrigo e de carinhos como todos nós. Sobretudo elas, que foram incensadas por um país inteiro por gerações sucessivas. E que tudo tiveram, mas que tudo perderam. Por vezes, até as próprias famílias.

sumário

carioquice

Nº 25 ABR/MAI/JUN 2010
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 O Rio e o ICCA continuam lindos

10 Levando a vida a cantar

Saga Carioca

14 Olha o malandro aí, gente!

24 O analista de Ipanema

Causos e Letras

28 Regente do mundo da imaginação

36 Garrincha em nova versão

Cidade Maravilhosa

42 Sob o céu de Raymundo

50 Bem-vindo ao Jardim do Éden

Magia do Olhar

62 A esquadra da Cantareira

Do bem comer e melhor beber

72 Palmas para o croquete!

Embaixador do Rio

76 Um homem chamado integridade
Por João Paulo dos Reis Velloso

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel Deplá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14° andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7° andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

O Rio e o Icca continuam lindos

por Kelly Nascimento

O Rio de Janeiro ganha um novo Instituto Cultural na Urca. Coincidência? Não. É que o Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) está de cara – e estrutura – nova. As benfeitorias foram possíveis graças a uma parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Vale a pena conferir ao vivo e em cores!

A iniciativa integra o projeto "MPB, uma paixão nacional: a necessidade da preservação", vencedor de disputado edital público do Banco e que viabilizou a primeira grande reforma do Instituto desde sua concepção. O Instituto Cultural Cravo Albin nasceu, em 2001, de uma doação. Coube a Ricardo Cravo Albin dar de presente à cidade do Rio de Janeiro a sua sede — charmoso prédio com sobrado colonial em cima, na Mata Atlântica, aos pés do Pão de Açúcar, no bairro da Urca. De quebra, o patrono deixou também valioso acervo acumulado ao longo de sua vida.

Não foi um esforço solitário. A ideia encontrou eco em outros cantos, fazendo do Instituto um catalisador cultural do Rio. Juntaram-se à proposta nomes como Geraldo Casé, Nélida Piñon, Ney Murci ou famílias de Ivon Curi e do acadêmico Corrêa da Costa, entre tantos. Além da boa vontade, trouxeram peças importantes para se montar o quebra-cabeça chamado MPB. As doações vão desde objetos antigos a gravações históricas — como um encontro de Pixinguinha, Tom e Vinicius no Club de Jazz e Bossa.

O acervo do Instituto hoje supera a marca de 30.000 peças, número que foi sendo triplicado, ao longo dos anos, por sucessivas doações. Inclusi-

"A ideia é resgatar as informações e estabilizar os suportes do acervo do Instituto Cultural Cravo Albin para devolver à sociedade um bem patrimonial de grande importância para o patrimônio cultural e a memória de nossa música popular"

Ricardo Cravo Albin

ve a já famosa de seis toneldas de discos que veio de Taubaté, São Paulo, por parte da família Saez. E ebrange, em sua maior parte, elepês raros e históricos que merecem adequada preservação e otimização de acesso às suas informações. E sua imediata transferência para a rede mundial, socializando todos esses bens.

Entretanto, não basta reunir, catalogar e guardar as peças. A preocupação de se preservar o material também pesa e muito. Por isso a importância do projeto "MPB, uma paixão nacional". "A ideia é resgatar as informações e estabilizar os suportes do acervo do Instituto Cultural Cravo Albin para devolver à sociedade um bem patrimonial de grande importância para o patrimônio

cultural e a memória de nossa música popular", conceitua Ricardo Cravo Albin.

A contrapartida expontânea do ICCA — não solicitada pelo BNDES — ao financiamento do Banco foi a reforma do espaço físico para abrigar a coleção. "Hoje temos um novo ICCA. Abrimos os espaços, todas as salas. Fizemos de seis salas, três salões", explica Ricardo. Boa notícia para o Rio.

O acervo de Renato Murce

Além das novas instalações do Instituto Cultural Cravo Albin, o projeto em parceria com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) traz outras boas notícias para os amantes da MPB. Por meio dele, está sendo possível digitalizar o acervo de 500 fitas em VHS do Instituto.

Entre as relíquias que serão preservadas, está o acervo de Renato Murce, doado ao ICCA por seu neto mais velho, Ney Murce. "Estamos conseguindo realizar a digitalização do acervo. Uma vez isso feito, transformaremos esse acervo em produtos", explica Ney Murce.

O acervo da família Murce consiste em mais de 250 vídeos exclusivos e raríssimos (apenas originais) de apresentações de todos os artistas que participaram de um projeto pioniero, "O Meio-dia", realizado entre 1986 e 1993. "Começava sempre ao meio-dia, e esse foi o evento que inaugurou esse mercado na hora de almoço no Centro do Rio. Trouxemos muitas pessoas importantes, de fora do Rio inclusive. Foi o caso do rabequeiro Zé Coco do Riachão, um cara que influenciou muitos mineiros, entre eles Milton Nascimento", recorda Ney.

O projeto reunia grandes nomes da MPB. Nos bastidores, a iniciativa era pilotada, além do próprio Ney, por Paulo Tapajós, Fernando Lobo, Miele e Sérgio Cabral. "Formamos um conselho e estruturamos ciclos de MPB: música instrumental, grandes compositores, grandes intérpretes. Ao final de cada ano, fazíamos congraçamento desses nomes todos no Theatro Municipal, do qual participaram nomes como Tom Jobim, por exemplo."

Quando recebeu a herança do avô, Ney sentiu que estava sob sua chancela parte da história do rádio no Brasil. "Na rádio, até 1965 era tudo ao vivo, nada era gravado. Estamos recuperando todo esse material. Com isso, poderemos fazer CDs diversos que constavam na programação da rádio. Essa recuperação é importante porque poderemos fazer coletâneas do melhor da música instrumental, com os ícones, outra de grandes compositores. São vários capítulos, uma série. Esse material todo é muito testemunhal, muita coisa dita por quem participou, fez história. São detalhados os contextos políticos em que foi feita uma música. Temos registrado Gonzaguinha falando da criação de 'Explode, coração', por exemplo."

Ney lembra que, na carta de herança, o avô - também grande amigo de Cravo Albin - dizia que todo o acervo perderia a validade se não fosse passado às gerações futuras. Mais um motivo para o neto lutar pela preservação do acervo.

AmBev

POR TRÁS DE UMA EMPRESA REALIZANDO GRANDES CONQUISTAS, HÁ PESSOAS REALIZANDO GRANDES SONHOS.

AMBEV. EMPRESA DA DÉCADA, PELA AGÊNCIA ESTADO.

Esse prêmio é o reconhecimento do trabalho de uma empresa que não investe apenas em tecnologia, responsabilidade social ou ambiental, mas também em gente. Porque para ser uma empresa melhor em um mundo melhor é preciso sonhar grande.

MPM

Transportar crianças com até 1 ano no bebê-conforto é lei. Elas precisam da sua proteção no trânsito.

A vida de uma criança é o que existe de mais importante. Por isso, use os equipamentos de segurança adequados. Eles diminuem em 71% os riscos de morte nos acidentes. O uso desses equipamentos é lei e haverá fiscalização a partir de junho. Evite multas, perda de pontos na carteira e o principal: proteja a vida da criança da forma certa.

www.eusoulegalnotransito.com.br

Denatran

Ministério das Cidades

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

DA MATERNIDADE ATÉ 1 ANO
Bebê-conforto no banco de trás, no sentido contrário do motorista

DE 1 A 4 ANOS
Cadeirinha no banco de trás

DE 4 A 7 ANOS E MEIO
Assento de elevação no banco de trás

DE 7 ANOS E MEIO A 10 ANOS
Cinto de segurança e no banco de trás

Levando a vida a cantar

por Monica Ramalho

Carmélia Alves parece uma estátua talhada a cinzel em detalhes bem acabados. É uma imagem que transmite integridade maciça, e um caráter inviolável. Pois bem, saibam que dentro dessa presença sólida e altiva vive um rouxinol. Aos 87 anos, elegante e alto-astral, a Rainha do Baião – dona de alentado verbete do Dicionário Cravo Albin da MPB – faz um breve retrospecto da sua longa vida, ainda cercada de novidades. Carmélia está no elenco do filme 'Cantoras do Rádio', dirigido por Gil Baroni com roteiro musical de Ricardo Cravo Albin.

Faz poucas semanas que a cantora se mudou para uma casinha confortável no Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá. Nascida em Bangu, em 14 de fevereiro de 1923, terceira filha da baiana Adelina e do cearense Raimundo, Carmélia Alves era fã ardorosa de Carmen Miranda, a ponto de recortar suas fotos nas revistas. Por volta dos 17 anos, quis ser um pouco como a Pequena Notável e sonhou em fazer carreira no rádio.

Em 1940, decidiu pôr a voz à prova e se inscreveu em alguns programas de calouros. Foi aprovada em todos eles, mas destaca um, pelo rigor do julgamento: 'Estrada do Jacó', apresentado por Ary Barroso. "Não fui gongada", diz, sorrindo. Nessa época, a estrela de Carmen Miranda já brilhava nos Estados Unidos e Carmélia foi chamada para interpretar justamente o repertório de Carmen. "Foi quando comecei de fato a cantar. Do Ary Barroso já fui para o programa 'Picolino', do Barbosa Júnior, na Rádio Nacional. Eles me contrataram no ar, com a nota máxima". Um pouco depois, trabalhou no 'Programa Casé' e chamou a atenção de César Ladeira, diretor da Rádio Mayrink Veiga. Foi convidada para apresentar um programa semanal na emissora. No ano seguinte, estreou como *crooner* no Hotel Copacabana Palace, onde atuou por cerca de dez anos.

Dessa época, Carmélia guarda ótimas lembranças. Apesar de só falar português, "alguma coisa de espanhol e olhe lá", circulava no hotel ao lado de figuras como Edith Piaf, Charles Aznavour e Frank Sinatra. E também foi no tradicional endereço carioca onde conheceu o marido, Jimmy Lester, com quem viveu uma paixão arrebatadora que os levou ao altar em quatro meses. O casamento durou 54 anos, até a morte de Lester, vítima de uma doença

renal, em 1998. "Foi o meu maior companheiro. Sinto muita falta dele." Eles viajavam a maior parte do tempo, Lester era o empresário, e preferiram não ter filhos. Falar sobre morte pode ser invasivo e triste, mas não para Carmélia, da religião espírita. "Cheguei num ponto em que quero que o mar pegue fogo para comer peixe frito. Cada um tem a sua hora de partir. Estou tranquila, esperando a minha vez."

Carmélia nunca bebeu nem fumou. Também nunca estudou música e tudo o que sabe em termos sonoros aprendeu sozinha, de ouvido. "Vou comprar um gravador e contar a minha história. Preciso aproveitar que tudo ainda está na memória." Desde 1943, quando gravou o primeiro compacto — que trazia a batucada "Quem dorme no ponto é chofer" (Assis Valente) num lado e "Deixei de sofrer" (Dino Sete Cordas e Popeye do Pandeiro) no outro —, Carmélia já lançou mais de 60 álbuns. Nesse primeiro, entrou em estúdio com o instrumental sob o comando de Benedito Lacerda e reforço dos então desconhecidos Elizeth Cardoso, Cyro Monteiro e Nelson Gonçalves no coro. Tremendo sucesso, o disco rendeu à

Encontro de Carmélia e Carminha no Retiro dos Artistas

"Vou comprar um gravador e contar a minha história. Preciso aproveitar que tudo ainda está na memória"

cantora quatro anos de viagens pelo país. Carmélia só voltou ao Rio em 1948, quando reassumiu seu programa na Mayrink Veiga.

"Em 1950, já coroada por Luiz Gonzaga como a Rainha do Baião, viajei o mundo inteiro. Gostei muito de cantar na Europa e percebi uma afinidade grande com o modo de vida italiano." Carmélia tem 19 passaportes carimbados. "Nunca fiquei menos de três meses num país. O último que conheci foi a África do Sul, há cerca de 15 anos." Outro dia, uma amiga estava em Paris, na França, e escutou os baiões de Carmélia tocarem no rádio. Nos áureos tempos, ela fez muito sucesso na Argentina e embarcou na caravana de Humberto Teixeira, que passou por países como Alemanha e Egito. Na Rússia, cantou para 150 mil pessoas e morou sete anos em Portugal, onde se apresentou em praticamente todas as casas de show da época.

Quem escrever a biografia de Carmélia Alves precisa lhe dar mais um crédito: a descoberta de Sivuca. "Outro dia, a filha dele foi lá em casa atrás de material sobre a nossa parceria, mas não tenho nada. Nem meus discos guardo mais. Nos conhecemos em Pernambuco, nos anos 50. Eu e meu marido ficamos impressionados com o talento dele. Sei dizer que nos apresentamos juntos sem ensaiar. Inventei um *pot pourri* e ele me acompanhou na sanfona com louvor. Depois, viajamos bastante. Sivuca chegou a morar um tempo na minha casa, em Copacabana. Ele compôs 'Adeus, Maria Fulô' para mim. Sivuca era um gênio." Carmélia menciona outros dois outros músicos importantes para ela: Chiquinho do Acordeon e Zé Menezes, guitarrista.

Na última década, a Rainha do Baião lançou um disco com sucessos de Jackson do Pandeiro e Gordurinha e se dedicou ao espetáculo 'Cantoras do Rádio — Estão voltando as flores', em parceria com as amigas Ellen de Lima, Violeta Cavalcanti e Carminha Mascarenhas. Aplaudido por mais de dez mil pessoas, o show (dirigido, apresentado e roteirizado por Cravo Albin) virou disco em 2002 e entrou novamente em cartaz no Teatro Rival. Carmélia Alves também participou de outro projeto de Cravo Albin: 'Tra-lá-lá Lalá', no Teatro Ipanema, em homenagem ao centenário de nascimento de Lamartine Babo. "Ricardo é um grande amigo. Ele e o secretário de desenvolvimento e futuro presidente do meu Fluminense, Júlio Bueno, me trouxeram para cá e agora daqui não saio, daqui ninguém me tira", cantarola, feliz da vida, no pátio do Retiro dos Artistas.

Olha o malandro aí, gente!

por Deborah Dumar

No dicionário de carioquice, Stepan Nercessian tem um verbete caudaloso. Vamos resumir com alguns pitacos. Ele é botafoguense desde criancinha, assíduo frequentador do Maracanã (e agora também das partidas no Engenhão), apreciador de gafieira, do samba – não perde um carnaval na Sapucaí, e, tampouco, os ensaios nas quadras das escolas – e exímio jogador de sinuca. Bom de papo, divertido, aprecia um chopinho com os amigos ("Não sou nenhum Jaguar, mas tenho uma boa quilometragem"), adora uma praia e não deixa de fazer sua fezinha diária no jogo do bicho. Parece muito, né? Mas isso é só o início. O malandro não é mole, não.

Pois esse devoto de São Jorge, Nossa Senhora Aparecida e, claro, de São Sebastião, o padroeiro da cidade — a quem representou por quase duas décadas, nos festejos de 20 de janeiro —, só não nasceu aqui. Mas isso é apenas um detalhe, convenhamos. Filho caçula da cearense Luisa e do armênio Karabet, o ator e diretor Stepan Nercessian é de Cristalina, interior de Goiás, mas tem sua vida estreitamente ligada à cidade que o adotou de braços abertos, ainda na adolescência, antes até da bem-sucedida estreia, no filme "Marcelo Zona Sul", de Xavier de Oliveira (1970).

Hoje, ele acumula as funções de diretor do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão do Rio de Janeiro (Sated/RJ, que já presidiu por duas vezes seguidas) e de presidente do Retiro dos Artistas, cargo que ocupa desde 1999. Stepan conseguiu tirar a instituição de uma crise que quase a levou a fechar as portas e se dedica ao atendimento aos artistas e técnicos que ali residem e ao aprimoramento de instalações, serviços e agenda cultural (a festa junina do Retiro, por exemplo, tornou-se um evento tradicional).

Isso sem falar no sucesso de sua carreira

política, de que tomou gosto por influência do pai. Toda a família era de esquerda. Aos 11 anos de idade, ele já se destacava no movimento estudantil em Goiás — o que fez com que acabasse impedido de terminar o colegial em escola pública — e se aproximava do antigo Partido Comunista Brasileiro (atual Partido Popular Socialista), em plena ditadura: Stepan figura entre os vereadores mais votados na Cidade Maravilhosa.

Pé de valsa

Evidentemente, sua agenda vive repleta, o telefone não para e seu dia tem mais de 24 horas. E, por incrível que pareça, ainda encontra tempo para fazer cinema e televisão (é contratado da TV Globo, desde o final de1971, quando ingressou em "Bandeira 2", novela de Dias Gomes estrelada por Paulo Gracindo, o "Tucão"). Na telinha, atualmente, ele pode ser visto no elenco do "Zorra total".

De sua extensa trajetória nas artes cênicas, só para pinçar alguns de seus trabalhos, estão os filmes "Rainha Diaba" (1971), de Antonio Carlos Fontoura — que teve Milton Gonçalves como protagonista e em que interpretou o garotão Bereco —, "Lúcio Flávio, o passageiro da agonia" (1977), de Hector Babenco, "Xica da Silva" (1976) e "Orfeu" (1998), ambos de Cacá Diegues. Sua mais recente aparição no cinema foi em "Chega de saudade" (2008), filme de Laís Bodanzky ambientado em um salão de baile. Por falar nisso, quem poderia se esquecer do desempenho desse pé de valsa no quadro "Dança dos famosos", do programa do Faustão?

O Rio de Janeiro que ele admira

Mas o que pensa Stepan sobre o Rio e sua gente? Fala aí...

"O mais interessante daqui é que, em qualquer lugar que você vá, a grande atração é o carioca. Conheço lugares maravilhosos, mas que, com gente chata, não valem nada. No subúrbio do Rio, basta você ir para debaixo de uma laje, botar uma churrasqueira, umas latas de cerveja no gelo, uma música, e, pronto!, logo vira um evento, uma festa extraordinária! Essa é uma característica do Rio que eu amo. Fora que, apesar de todas as mazelas, aonde você for, tem um impacto com a beleza da cidade. Às vezes, eu fico pensando, impressionado: "como é que, depois de tanto

Os pais Karabet e Luisa Nercessian

Stepan menino

tempo, isso continua tão bonito como antes?", diz, referindo-se, em particular, à orla, ele que confessa já ter sido "rato de praia, daqueles que abriam e fechavam o expediente".

E confessa: "Vou muito menos à praia hoje que antigamente. É como jogar futebol. Infelizmente, a gente vai diminuindo um pouco, com o tempo, mas ainda vou à Praia do Pepê, perto de casa, e fui muito à de Ipanema, quando morei lá, nas Dunas da Gal, Arpoador, no Posto Nove. Peguei a Ipanema do Zeppelin, do Castelinho... (suspira). Aí, você viaja pelo mundo e, com qualquer meio metro de areia chata, os caras já fazem um estardalhaço. Lembra-me muito quando a Xuxa apareceu, linda, e um gaúcho que conheci comentou: 'Pois, lá no Sul, tem uma Xuxa em cada esquina'. Acho que o carioca tem um pouco disso. É tanta beleza que tem hora que não se dá mais nem conta disso..."

'sem lenço, sem documento'

Entre as saudades das coisas que o jovem goiano admirava na cidade das areias escaldantes, está a da maresia: "O cheiro do mar é uma das coisas de que mais sinto falta, para falar a verdade. Eu me lembro daquele cheiro que invadia Ipanema. Hoje, você está na Vieira Souto e parece que ainda não chegou ao mar." Outra característica da cidade que ele traz na lembrança era o ir e vir de um lado a outro, as andanças da Zona Sul à Zona Norte, na maior tranquilidade.

"Sem medo de violência, de assalto. Isso fazia parte da bossa do carioca. A Zona Norte sofreu ainda mais que a Zona Sul. Você pega a antiga Avenida Suburbana, hoje Dom Hélder Câmara, por exemplo. Na sexta-feira, se você estivesse a fim de se divertir, ia pra lá, havia uma roda em cada botequim. Ainda existem uns heróis que resistem, mas hoje...", lamenta, indignado com o abandono de toda a região da Leopoldina, que, a seu ver, "está ao deus-dará. Está tudo feio, sujo, decaindo; as fábricas estão fechadas, o comércio está fechado, as casas estão se deteriorando. É uma pena que

"No subúrbio do Rio, basta você ir para debaixo de uma laje, botar uma churrasqueira, umas latas de cerveja no gelo, uma música, e, pronto!, logo vira um evento, uma festa extraordinária! Essa é uma característica do Rio que eu amo"

muito dessa energia, desse charme que rolava na cidade, como um todo, tenha se perdido".

Clima de interior

Vivendo na Barra da Tijuca há mais de 35 anos, de onde não pretende mais sair, ele relaciona os bairros em que morou: Botafogo, Copacabana, Gávea e Humaitá. Ele e a atual mulher, Desireé (a primeira foi a atriz Camila Amado), têm casa no Jardim Oceânico. Um ponto do Rio que o ator elegeu quando as ruas nem eram asfaltadas, à exceção da principal.

"Era tudo areia. O lugar cresceu, mas na horizontal, não se pode construir mais do que três andares. Lá é uma cidade do interior, a gente conhece todo mundo, tem comércio de rua, ainda tem disso no Rio. Eu tenho o bicheiro para fazer meu jogo, encontro o cara do açougue e digo 'Olha, leva uma carne lá em casa e aproveita para pedir para levarem o carvão e acenderem a churrasqueira para mim, tá?'. Ou ligo para o bar e peço para deixarem a cerveja no gelo. Quando chego em casa, já está tudo no esquema", gaba-se.

Stepan tira de letra qualquer tipo de preconceito da Zona Sul contra a Barra da Tijuca, embora reconheça: "Existe outra Barra, a dos condomínios fechados. Eu já morei no Nova Ipanema, foi bom também, é muito legal para criar adolescente. A Barra da Tijuca tem isso, você tem que saber curtir. Quando eu venho de algum lugar e vejo aquele negócio 'Sorria, você está na Barra', é como se eu tivesse feito uma viagenzinha e estivesse de volta para casa, é a maior paz . Porém, se der uma hora da manhã e eu quiser tomar um chope, deixo o carro na garagem e desço a pé até a Olegário Maciel, que vai estar o maior *freje*. Depois, volto caminhando (aí, ele faz uma pausa, abre um sorriso para soltar uma piada, que, evidentemente, não poderia ser "politicamente correta" para ter graça). Embora eu pense que, daqui a pouco, do jeito que a coisa vai, logo vai ter um 'Se beber, não ande'".

Na minha cabeça de criança, a seleção e o Botafogo eram uma coisa só! Tanto que, até hoje, a seleção é meu segundo time" (risos).

um botafoguense doente assumido

Os adesivos na porta de seu gabinete e alguns objetos de decoração não deixam dúvidas. Eis ali um autêntico torcedor alvinegro. Mas por que cargas d'água um garoto de Goiás iria se apaixonar perdidamente — e para sempre — por um time carioca? Como um menino, ele assegura, em tom emocionado: "É uma parte muito importante da minha vida."

E conta os detalhes: "Aos cinco anos de idade, eu ouvia jogo pelo rádio, não tinha televisão. A primeira consciência que tive em relação ao futebol foi na Copa do Mundo de 58. Entre as Copas de 58 e 62, eu colecionava álbuns de figurinhas, a seleção do Brasil era uma paixão. E quase todo mundo que jogava ali era do Botafogo: Garrincha, Amarildo, Nilton Santos, Zagallo... Na minha cabeça de criança, a seleção e o Botafogo eram uma coisa só! Tanto que, até hoje, a seleção é meu segundo time" (risos).

Seu amor pelo carnaval carioca também está presente no ambiente de trabalho. Cuidadosamente distribuídas, lado a lado, estão camisas das mais diferentes escolas de samba, que ele ganha de presente. Em tempo: Stepan foi vice-presidente da Caprichosos de Pilares e hoje é um dos diretores de carnaval da "Difícil é o nome", agremiação do mesmo bairro que prestou homenagem ao Retiro dos Artistas no desfile de 2005.

Amor antigo, este, pelo carnaval do Rio. Com a preciosa ajuda da mãe e a mesma persistência com que conseguiu participar da congada em Goiás — ele lembra que ensaiava com os congos o ano inteiro e chorou muito ao saber que não estaria na festa porque era branco ("tive até febre") —, Stepan veio de ônibus ao Rio realizar um de seus maiores sonhos, aos 11 anos: assistir ao desfile da Presidente Vargas.

"Eu ficava o ano inteiro esperando pelo

Stepan no filme Podecrer, de 2007

Stepan foi vice-presidente da Escola de Samba "Caprichosos de Pilares" e hoje é um dos diretores de carnaval da "Difícil é o nome", agremiação do mesmo bairro que prestou homenagem ao Retiro dos Artistas no desfile de 2005

carnaval, parecia que demorava uma eternidade para chegar. Sentia uma alegria profunda, mas não euforia, e ao mesmo tempo uma nostalgia, com aquelas máscaras, a decoração, a brincadeira de molhar a roupa dos outros com o lança-perfume de plástico, lá em Goiás. Era muito legal, mas eu era alucinado para saber como era o carnaval do Rio, de onde vinham aquelas marchinhas, como 'Cabeleira do Zezé'. Chovia muito, quando chegamos, mas eu fiquei deslumbrado, encantado, espiando atrás da corda. Fui embora para Goiás pensando naquele carnaval, deslumbrado." "A mãe achava graça daquilo tudo e certa vez comentou: 'Se eu não fosse a sua mãe, poderia jurar que você é filho de negro'", conta, rindo com a lembrança.

De volta ao começo

Stepan Nercessian afirma que jamais havia sonhado com a vida de artista. Longe da sala de aula, o estudante do segundo ano ginasial foi levado por um amigo da família à redação do jornal "Cinco de Março" para conversar com o empresário Batista Custódio. Saiu de lá com um emprego e, diz orgulhoso, que fez de tudo — trabalhou na portaria, na gráfica, até chegar a auxiliar de revisão.

"De tanto ler, eu aprendi a escrever. Podia fazer uma matéria de cinco laudas que, dificilmente, eu cometeria um erro. Aquela foi a minha verdadeira formação", destaca, enaltecendo a coragem do dono. ("Ele escreveu um editorial, 'A revolução do nada', para falar sobre o absurdo de se prender estudantes na época da repressão, era muito corajoso.")

Com Odete Lara No filme "Rainha Diaba"

Com a atriz Zezé Motta

No filme "Marcelo Zona Sul"

Com Lucélia Santos na novela "Feijão maravilha"

Com os amigos sendo presos e pessoas próximas desaparecendo, ele veio passar uns tempos com a irmã mais velha, Armênia, à época namorada do cineasta Xavier de Oliveira, no Rio. Trouxe na mala seus discos de Altemar Dutra, Waldick Soriano, Agnaldo Timóteo e da Jovem Guarda. Tinha 14 anos e morava em Ipanema, em cima do Bob's. Certo dia, um primo de Xavier o chamou para ir ao Teatro Opinião, onde estavam sendo feitos os testes para o filme "Marcelo Zona Sul".

Depois de vários candidatos se apresentarem para o papel, aqui e em outras capitais, sugeriram que Stepan também fosse testado. Descontraído, cabeça fresca, fez tudo o que mandaram e ganhou o personagem. Só que, como ele não pegava onda, o surfista do roteiro original acabou virando jogador de frescobol para contracenar com Françoise Forton.

Mais à frente, teve que vir ao Rio de novo. O problema da produção era o sotaque, misto de goiano com cearense. "Mais de duzentos dubladores foram convidados, mas as vozes não se casavam. Aí, tiveram a ideia de chamar o Lenine, do 'departamento de sotaques', e ele me dava as dicas: 'Olha, não fala 'télefone, é têlefone'", relembra.

Pé na estrada

A noite de estreia na Maison de France mudou tudo. Stepan já estava com 16 anos, o filme foi muito aplaudido e fez sucesso, ao tratar da vida de jovens que sonhavam em sair de casa, com uma mochila nas costas, para ganhar o mundo. Ao final da sessão, Reginaldo Farias — que vinha do sucesso de "Os paqueras" — o convidou a participar de "Pra quem fica, tchau!" e pediu uns dias para reescrever o roteiro.

"Eu não imaginava minha vida fora de Goiás, mas, de tanto botarem pilha, acabei ficando. Depois, voltava de novo para Goiás, e participei ainda de 'André, a cara e a coragem'. Fiquei um período sem trabalhar, uns três meses, e achava que não continuaria com aquilo. Falei com meu pai e ele me respondeu, rindo, 'calma, você é muito novo, vai ter muito o que fazer. Não tem nem idade para papel de corno...'." Outras propostas surgiram e o convite para trabalhar em televisão. E lá se vão mais de quarenta anos de carreira.

Stepan e a esposa, Desirée, (ao centro) com amigos

No Retiro dos Artistas

LODUCCA.MPM

Já são 9 livros publicados, que você encontra nas melhores livrarias da cidade.
Conheça os nossos 3 últimos lançamentos.

PROGRAMA DE PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO LIGHT. UMA LUZ NA HISTÓRIA DO RIO DE JANEIRO.

O Programa de Publicações do Instituto Light foi criado para apoiar livros que registram e descrevem as importantes transformações ocorridas na história do Rio de Janeiro. Uma iniciativa que preserva a memória da cidade valorizando algo de grande importância para o carioca: sua própria história.

www.light.com.br

Light
INSTITUTO

O analista de Ipanema

por **Monica Ramalho**

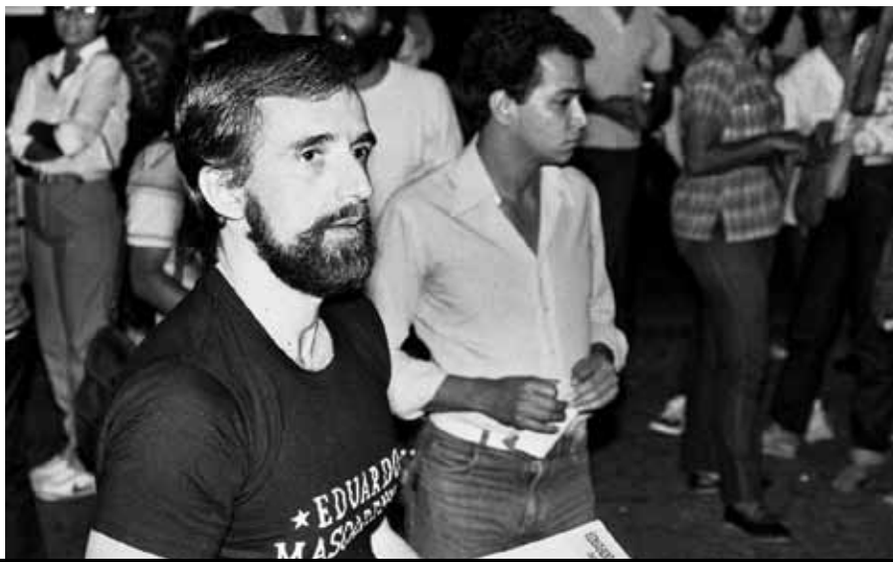
Quem viveu os anos 80 se lembra de um psicanalista que levava Freud, Jung e outros mais para tomar cerveja no calçadão da praia. Eduardo Mascarenhas completaria 68 anos no dia 6 de julho. Bom de bico, era bonito, charmoso, alegre e inteligente. Figura com certeza na seleção dos maiores conquistadores de Ipanema. Muitas moçoilas frequentaram o divã do Mascarenhas. O Rio nunca mais se deu alta depois da ausência dele.

Mascarenhas escolheu três mulheres para compartilhar a vida: a também psicanalista Ana Lúcia Magalhães Pinto, a atriz Christiane Torloni e a coreógrafa Regina Miranda. Do relacionamento de 15 anos com Ana Lúcia, nasceram Manuela e Luisa, atualmente com 34 e 32 anos, respectivamente. Em 2007, as meninas — que, na verdade, já são mães — organizaram uma coletânea de artigos do pai num livro chamado "Faces do amor". Viveu sua última década ao lado de Regina, com quem teve a Antônia, hoje com 21 anos.

"O Eduardo tinha um extraordinário senso de humor, era uma pessoa original, com um olhar super-revelador sobre a vida e sobre as pessoas. A convivência com ele era divertidíssima, enriquecedora e revolucionava conceitos e visões dos que estavam a sua volta", rebobina Ana Lúcia, coordenadora-geral do Polo de Pensamento Contemporâneo (POP), em Botafogo. Os dois se conheceram em Petrópolis, na casa de uma amiga em comum. Ele estava com 22 anos e ela, com 16. "Acho que nossa ligação posterior com a psicanálise foi mais um ponto de união", diz. Os dois compartilhavam o interesse por livros — os dele, científicos, históricos e filosóficos — e também por ópera, jazz e música popular brasileira. Eduardo torcia pelo Botafogo de Futebol e Regatas e pela Estação Primeira de Mangueira. Sem fanatismos.

Era um cara que amava a cidade, as praias cariocas, o frescobol e, sobretudo, prosear com os amigos no bar. Os mais caros eram o jornalista e cineasta Arnaldo Jabor e os psicanalistas Fábio Lacombre, Carlos Alberto Py e Hélio Pellegrino, com quem tinha um parentesco adquirido, já que este era casado com uma prima dele. Teve consultórios em Botafogo e Ipanema, por onde circulavam estrelas e socialites. Falava inglês com fluência conquistada ainda na juventude, quando estudou em Boston, nos Estados Unidos, e viajava mais a trabalho do que para se divertir ou descansar. Dono de um ego expressivo que

Com as filhas Manuela e Luísa



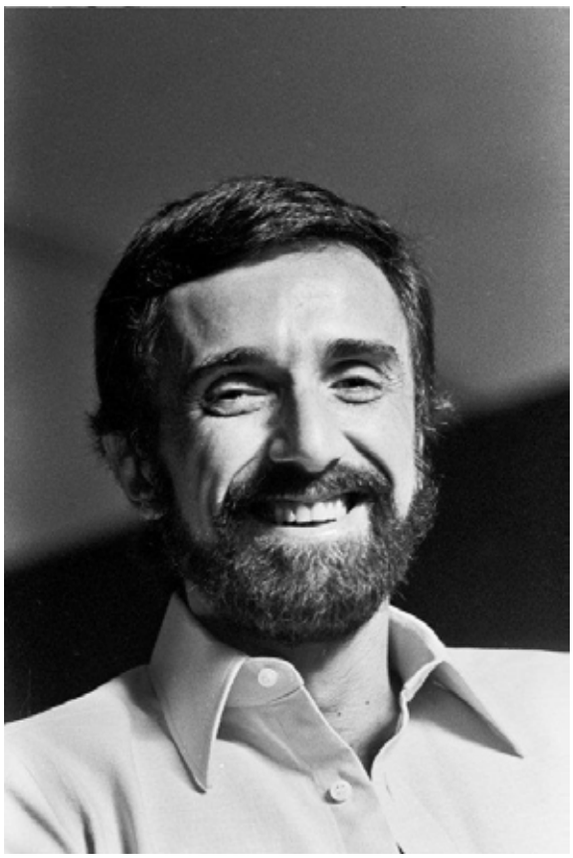
Eduardo trabalhou para popularizar as ideias freudianas e virou figurinha fácil na televisão em programas como TV Mulher (Globo), Sem Censura, Jornal da Manhã e Interiores (TVE, atual TV Brasil) e Bate-boca (Manchete)

lhe rendeu o apelido de Egoardo, era curiosamente fascinado pela alma das pessoas e nunca perdeu o interesse pelo outro.

Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com formação pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), Eduardo trabalhou para popularizar as ideias freudianas e virou figurinha fácil na televisão em programas como TV Mulher (Globo), Sem Censura, Jornal da Manhã e Interiores (TVE, atual TV Brasil) e Bate-boca (Manchete). Entre um artigo e outro que escrevia para os jornais Última Hora e O Dia e para as revistas Cláudia e Contigo, reunia farto material para os seus livros. O primeiro da trilogia psicanalítica, lançado em 1985, entrou rapidamente na lista de best-sellers: "Emoções no divã de Eduardo Mascarenhas".

A essa altura, ele e Pellegrino já haviam sido expulsos da Sociedade Brasileira de Psicanálise porque questionaram o poder dos analistas didatas, com cargos vitalícios, nas associações. Um pouco depois, ingressou na cena política de corpo e alma. Recebeu o apoio de amigos, entre eles a mulher, Christiane Torloni, e o ex-sogro Magalhães Pinto. "Ele sempre me dizia que eu ia acabar entrando na política. Ele é um liberal clássico, enquanto sou um intelectual de esquerda, um socialista democrático", afirmou Eduardo, numa entrevista. Na ocasião, Torloni pontuou: "Ele, há muito tempo, inconscientemete, era um político porque trabalha com a felicidade do ser humano".

Quando se casou com a atriz, Eduardo estava com 40 anos, e ela, com 26. Eduardo morava na Lagoa e o apartamento acolhia com folga as



> **"Acho que ele pensava em viver muito, mas, acima de tudo, em viver intensamente como viveu, cheio de entusiasmo, criatividade e generosidade"**
>
> Ana Lúcia Magalhães Pinto

filhas dele e os filhos dela, os gêmeos Leonardo e Guilherme, da união com o diretor Dênis Carvalho. A respeito da participação ativa de Torloni na sua campanha eleitoral, o psicanalista declarou: "Ela é muito conhecida e faz mais sucesso que eu onde nos apresentamos. Christiane é meu cabo eleitoral, mas sem a pretensão de ser uma superstar. Ela não está fazendo política por demagogia, mas por ser este um sentimento verdadeiro dela." Em 1986, colocou nas prateleiras o livro "A costela de Adão – Cartas a um psicanalista", e, em 1990, "Alcoolismo, drogas e grupos anônimos de ajuda mútua".

Deve ter sido interessante para o psicanalista escrever justamente sobre álcool, levando-se em conta que ele estava usando um termo da década, "na crista da onda" e era convidado para a maioria das festas, nos endereços e com as personalidades mais badaladas do momento. A chegada dos anos 90 trouxe a política de vez para o centro de atuação de Eduardo e ele trocou o consultório pelo gabinete com tranquilidade. Entre 1991 e 1994, foi suplente na Câmara Federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em 1993, migrou para o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e se reelegeu deputado para a legislatura de 1995 a 1998. Em 1994, lançou mais um livro, "Brasil, de Vargas a Fernando Henrique", sobre a vida política e econômica brasileira.

Um câncer interrompeu a sessão de Eduardo Mascarenhas, que entrou para a História como alguém que acreditava na psicanálise ao alcance de todos, "adaptada a uma realidade morena, brasileira e tropical", como gostava de dizer. Na véspera de mais um aniversário de nascimento do ex-marido, Ana Lúcia Magalhães Pinto analisa para os leitores da Carioquice: "Acho que ele pensava em viver muito, mas, acima de tudo, em viver intensamente como viveu, cheio de entusiasmo, criatividade e generosidade. As expectativas eram muitas, ele sempre foi do muito. Era determinado e dedicado à profissão, tanto como psicanalista quanto como deputado. Não fazia nada pela metade."

Regente do mundo da imaginação

POR MÔNICA SINELLI

"Para que alguém lê um livro, se não para se transformar"? O disparo provocante desloca-se da poltrona inventada pelo carioca de Copacabana José Castello – radicado em Curitiba há 16 anos – que adora caminhar no calçadão em suas estadas no bairro onde mantém apartamento até hoje. É nesse lugar idealizado, em camuflagem de conforto e aconchego, que se produz a pulsão do "pensar no escuro" que, por fim, explode em arrastamento na escrita. Em prosa e verso, corpo e alma.

Escritor, colunista do caderno literário do Globo, colaborador do Valor Econômico e das revistas Época e Bravo, maestro de oficinas literárias — que ele prefere chamar de "oficinas da imaginação" — e, mais recentemente, blogueiro, José Castello adentrou, ainda menino, o refúgio insondável dos livros meio por acaso. "Naquela época, aos 11 anos, nem sabia que existiam livrarias. Eu frequentava duas papelarias de Copacabana, em que havia no fundo uma estante com romances. Não fazia a menor ideia do que era o quê, e comecei a comprá-los. Robson Crusoé foi o primeiro que li e me marcou muito. Reli um monte de vezes seguidas", conta.

Mais tarde, já inteiramente capturado pela paixão da leitura, o rapaz José Guimarães Castello Branco deparou-se com o célebre momento

Colégio Santo Inácio

de encontrar um rumo profissional. "Eu não sabia o que fazer da vida. Como gostava de escrever e de ler e era muito bom aluno das cadeiras de literaturas brasileira, portuguesa e francesa, no Clássico do Colégio Santo Inácio, achei que tinha que cursar Letras. Mas um professor me perguntou o porquê disso. Respondi que queria ser escritor. Ele, então, disse que eu só deveria seguir Letras se quisesse dar aulas de Literatura, porque, para ser escritor, essa faculdade não só não me ajudaria como iria atrapalhar. Eu aprenderia muito sobre teoria, criaria um senso crítico imenso em relação a tudo e não conseguiria escrever. Sempre disse que a última coisa que faria na vida era Jornalis-

"Inventario os escritores sempre por caminhos limítrofes, onde as coisas se embolam, se misturam"

mo, pois não queria ter a mesma profissão que meu pai, que trabalhou como repórter político do Globo durante 30 anos. Mas aquele professor me convenceu a ir por esse caminho, argumentando que assim, por mais burocráticas que fossem as pautas, eu escreveria todo dia, seria obrigado a conversar com pessoas diferentes, a me meter em situações meio de intruso, o que seria bom para perder minha timidez, já que um escritor — afirmava ele — não podia ser tímido. Assim que entrei no Jornalismo, sabia que ia sair. Mas me orgulho muito de ser jornalista. A vida do repórter é heroica. Exige uma intensa dedicação, é uma profissão de fé que se faz."

Expedição ao baú de Vinicius

Palavra do profissional que iniciou a carreira no Correio da Manhã, em 1970, foi repórter de Veja, chefe da sucursal carioca de IstoÉ, subeditor do Caderno B e editor do suplemento Ideias, ambos do Jornal do Brasil. Até que a Companhia

Sentados, da esquerda para a direita: Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Fernando Sabino e Carlinhos de Oliveira. De pé, da esquerda para a direita: Paulo Mendes Campos e Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta

"Acho que Vinícius, o músico-letrista, o pensador-guru da Bossa Nova, não existiria se não fosse o poeta que era"

das Letras contratou-o para trabalhar como pesquisador do baú de inéditos de Vinicius de Moraes. A partir daí, ele montou, além do livro de letras do poeta, o Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade do Rio de Janeiro. "Vinicius passou anos falando desse livro em entrevistas, afirmando que só possuía um exemplar e que o havia perdido. Ao pesquisar seu baú, que ainda estava em processo de arrumação na Fundação Casa de Rui Barbosa, encontrei, em meio a muitos escritos inéditos, um caderno com o roteiro sentimental do Rio, incluindo a indicação dos poemas correspondentes a cada bairro abordado. Comecei, então, a procurar os que tinham o mesmo título ou eram próximos daquele tema que ele havia pautado. Alguns não foram localizados. Quando nenhum poema se encaixava no assunto em questão, eu escrevia pequenos textos, contando sobre a relação de Vinicius com aqueles bairros, aquelas ruas e praças da cidade que estavam citados. Esse livro é um roteiro do Rio de Janeiro e deveria ser vendido para turistas."

Entre 1990 e 1991, após Castello resgatar um expressivo volume de material inédito de Vinicius, a editora convidou-o para fazer a biografia do poeta. Juntou com a crise dos 40

anos. Era pegar ou largar. Todo mundo dizia que ele estava ficando louco. Como ia deixar um cargo de editor do Caderno Ideias, que estava no apogeu e não parava de ganhar prêmios, para viver com uma bolsa de universidade, que não cobria 10% de seu salário? Mas foi em frente, atendendo ao misterioso sopro dos chamamentos. E escreveu o livro "Vinicius de Moraes: O poeta da paixão" (1993). "Tentei lutar o tempo inteiro contra a abordagem caricatural, a ênfase no lado boêmio. Uma decisão que tomei foi a de elaborar a biografia do poeta, não a do músico. Não que o músico não seja grande. Foi uma figura-chave. Mas o Vinicius-poeta, que andava esquecido, também é uma figura-chave da poesia brasileira do século XX. Acho que o músico-letrista, o pensador-guru da Bossa Nova, não existiria se não fosse o poeta que era", arrisca.

um cabral desarmado

Picada aberta, trilha que se iluminava em direção à floresta espessa e sem modo de segurança possível da Literatura. Veio "O homem sem alma", biografia sobre João Cabral de Mello Neto, publicada originalmente pela Rocco em 1996. "Quando, dez anos depois, a Bertrand Brasil demonstrou interesse em reeditar o livro, propôs que trouxéssemos alguma coisa nova. Lembrei de um caderno com a transcrição de notas que eu registrava quando saía das conversas na casa de João Cabral. Ele tinha o problema de lidar com as suspeitas a respeito do meu trabalho. Como, no mesmo período, eu estava atuando na produção sobre Vinicius, Cabral alimentava muito a ideia de que dali sairia uma biografia escandalosa. E temia que eu fizesse uma biografia escandalosa dele também. Por mais que dissesse que não, pouco adiantava. Assim, eu realizava as entrevistas com o gravador desligado e depois as transcrevia no caderno, que acabou rendendo essa outra parte da nova edição — "O Diário de Tudo". Peguei o João já velho, decadente, ficando cego e tomando medicamentos que atrapalhavam sua movimentação mesmo dentro de casa. Estava muito deprimido e fraco, fisicamente. Isso, de certa forma, deixava-o mais desarmado. Ele

"Acho que colhi um balanço de vida do João Cabral de uma forma que, provavelmente, ele - que sempre foi muito solene, desconfiado, seco - antes não permitiria"

se sentia muito sozinho, não saía, não ia à Academia Brasileira de Letras porque não tinha forças, os amigos estavam mortos, e se apegou bastante a mim para desabafar. E eu, a ele. Não traí sua confiança. Acho que colhi um balanço de vida de uma forma que, provavelmente, ele — que sempre foi muito solene, desconfiado, seco — antes não permitiria", pontua.

Ainda em 1996, Castello lançaria, pela editora José Olympio, "Na cobertura de Rubem Braga", um guia poético para o ingresso no mundo do cronista, mesclando vida e invenção. "Procuro trabalhar com essa fronteira, que marca a minha formação, e explorá-la ao máximo. Só me sinto bem nela. É um efeito, mas, também, uma escolha. Poderia ter tido a experiência como jornalista e tentado refugá-la, não dar muita importância ou até me incomodar com isso. Inventario os escritores sempre por esses caminhos limítrofes, onde as coisas se embolam, se misturam", sinaliza.

Ofício de alto risco

Três anos depois, ele publicaria o "Inventário das sombras" (Record, 1999), retratos a partir de entrevistas com escritores. Entre aqueles que mais o marcaram, ele cita Nelson Rodrigues, Hilda Hilst e Clarice Lispector. "Nelson é uma referência fundamental, porque transitava nesse lugar entre o jornalismo, o teatro, a crônica e o romance. A conivência com Hilda Hilst proporcionou o entendimento de por que a literatura representa uma atividade de alto risco. É uma questão de vida ou morte. Não é o que se pensa. As pessoas têm uma visão do escritor com aquele glamour do sucesso ou, então, com a imagem muito influenciada por essa presença da universidade na Literatura brasileira a partir de meados do século XX. E acham que o escritor é um sujeito intelectual, culto, sábio. Em bom português, falando de forma exagerada, os escritores são uns loucos. É preciso uma boa dose de loucura para se meter com a Literatura, pelo risco que ela envolve." Sintam-se devidamente alertados os seus futuros navegantes.

"Nelson Rodrigues é uma referência fundamental, porque transitava nesse lugar entre o jornalismo, o teatro, a crônica e o romance. A conivência com Hilda Hilst proporcionou o entendimento de por que a literatura representa uma atividade de alto risco"

Para ilustrar os espectros de tamanho abismo, ninguém melhor que Clarice Lispector que, ao tempo em que Castello era um jovem repórter, declarara um belo dia que simplesmente iria parar de escrever, pois já não tinha mais nada a dizer. Lá foi ele, com sede de apuração. "Primeiro, achei estranho, porque Clarice havia marcado a entrevista e quando cheguei o porteiro falou que ela mandara dizer que não estava. Avisei-o de que eu não sairia dali e ela, em seguida, recebeu-me educadamente. No que fiz o gesto de colocar o gravador em cima da mesa, ela desandou a gritar, teve um acesso. Custei a entender o que estava acontecendo. Pensei estar tão fascinado por encontrá-la que alguma coisa muito grave se passava e eu não conseguia ver — um incêndio, um assalto. Até que veio a (também escritora) Olga Borelli lá do corredor e a agarrou, como numa camisa de força, segurando-a até que parasse de gritar. E a chamou para dentro do quarto. Antes de ir, Clarice disse que tinha de levar 'aquilo'. E sumiu. Eu não sabia se ia embora, mas resolvi esperar, porque ela havia sequestrado meu gravador. De repente, voltou muito calma, com uma chave na mão, explicando que poderíamos então conversar, porque 'aquilo' estava trancado em seu armário. Entendi, então, que se tratava do gravador. Essa história ilustra muito bem a fragilidade de Clarice e mostra de onde saía aquela escrita doida. Não era uma coisa organizada, mas meio que um transe. Fazia anotações em guardanapo e jogava numa cesta. Ao mesmo tempo, estava lá, comendo bolo de chocolate, conversando com a empregada, como uma dona de casa comum. Aí, entende-se que a literatura parte mais dessas regiões frágeis, tensas. Não é aquela coisa solene: fiz doutorado em Literatura e agora vou escrever um grande romance. Não é isso", descarta.

Ainda bem que a autora de "Perto do coração selvagem" revogou o tresloucado decreto de parar de escrever, atividade cuja razão de existir, afinal, habita um universo intangível, em permanente suspensão. Clarice, por exemplo, afirmava que escrevia porque simplesmente não conseguia ficar sem fazê-lo. "Era verdadeiro. Você estabelece uma relação de paixão com aquilo e começa a não poder viver sem esse exercício, a precisar dele para desaguar as coisas. Sem nenhuma ilusão de que a Literatura vá curar alguém. É um lugar em que se trabalha o mais secreto, o mais íntimo", depura ele.

Potência em tempos instáveis

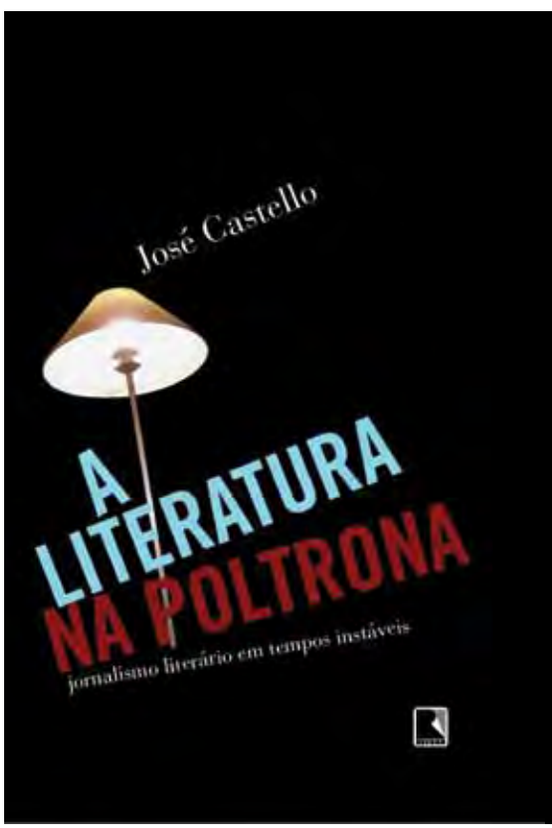
Pela lente de interpretação refinada de Castello, a Literatura está se tornando cada vez mais preciosa, com um incrível potencial neste século, por representar o oposto do que vivenciamos. "Nosso mundo é muito padronizado, massificado, corrido. E, para fazer Literatura, precisamos parar, nos isolar, olhar para dentro e enfrentar as coisas que saem de nós, o que não realizamos no dia a dia. No século XIX, certamente, sim, mas hoje a pressão é muito grande, há um excesso de solicitações. O mundo está mais pragmático, mais cruel. E a Literatura abre um lugar para o sossego, para você voltar a ser do jeito que é. Ela se torna ainda mais valiosa por apresentar essa reserva de singularidade."

Eis a deixa para falar sobre a ocupação que Castello supõe não exercer: afinal, qual a função da crítica literária na perspectiva do que ele próprio calibra como tempos instáveis? "Há uma série de desencontros. Primeiro, o crítico está dentro da Academia, que, por sua vez, está dominada pela teoria literária. Então, o crítico literário faz, hoje, sobretudo, teoria literária. E esta não tem a preocupação de desempenhar um papel de intermediação, como os críticos dos

anos 50 realizavam — dentro dessa visão mais clássica que se formou deles. Não sou contra o caminho teórico, mas sua linha principal é a da própria teoria, a da comprovação de teses, em que os livros tornam-se objetos de ilustração. Não tenho graduação em Literatura, não sou um teórico. Minha relação com ela é absolutamente voo solo, começou lá na papelaria. Sempre foi mais particular, mais pessoal, totalmente diversa da que se vive no percurso acadêmico. Nunca tive interesse em criar teoria, nem em provar nada. Eu gosto de ser leitor. O que faço não é crítica literária, embora me chamem de crítico. Mas sei que não sou. Não estou nesse mundo da teoria literária, não leio a respeito, não faço julgamento de livros. Não sei bem que nome dar a isso. Meu negócio é ler um livro do meu jeito e tentar relatar o que li. E esse fazer da leitura um relato — um pouco delirante, fantasioso — é que me levou para a ficção. Sou, talvez, um repórter da Literatura. Sou um leitor. Tenho vontade de preencher no campo da profissão da ficha de hotel: leitor. Só para ver o que vai acontecer", incita, desconstruindo a postulação de um mundo literário acessível apenas a ungidos catedráticos.

O que é o avô?

Mas Castello revela-se um crítico feroz, aí sim, da forma como a iniciação à leitura é promovida pelas escolas brasileiras, a partir de livros densos demais — de um Machado de Assis ou um Graciliano Ramos — para um público dos (ainda) sem-estofo. E mais: com questões de interpretação de textos na estrangulada bitola dentro da caixinha. Ele lembra, por exemplo, que a centésima edição de "Menino de engenho" (romance de José Lins do Rego, publicado em



"Cada um lê com o que tem, lê com o que é, lê como pode. Não existe leitura perfeita, nem completa; muita coisa, mesmo para os leitores treinados, sempre fica de fora"

1932), relançada agora pela José Olympio, entrará em adoção na rede pública de ensino. "É uma edição maravilhosa. O problema é o que vão fazer com ela, de que maneira enfiarão isso pela goela dos garotos. Tudo depende de como se entrega um livro para a criança, o adolescente. Aquelas fichas de interpretação constituem uma camisa de força: 'o que é o avô'?" — ironiza.

Na observação de Castello, esse enquadramento avaro e, portanto, inibidor das múltiplas reflexões possíveis, é o mesmo que deliberar que existem a leitura certa e a leitura errada, ou seja, uma única leitura. "Dessa maneira, está-se demonstrando para os garotos que Literatura é um saco, uma chatice que não tem nada a ver com eles. E que eles têm que ler como todo o mundo. O correto é achar isso e não achar aquilo. Isso é um escândalo, porque a Literatura propõe justamente o oposto. A Literatura é viajar. Digo isso nas minhas oficinas. Quanto mais se viajar e divergir das verdades consagradas, das versões oficiais, do que o crítico disse, melhor. Porque, na Literatura, a questão não é acertar, mas errar. Saber errar. Mesmo assim, é muito comum as pessoas, tanto as da minha geração quanto garotos de 20 anos, me pedirem apostila, correção de trabalho. Fico horrorizado e me recuso a fazer isso. Falo: quem tem que se corrigir, se é que a palavra é essa, é você. Eu estou aqui de mordomo, para facilitar o acesso a coisas que você não tem. Você é que deve saber se é bom ou ruim. Não vou dar regrinha. A visão dominante hoje na escola e, infelizmente, em grande parte da universidade, é a de trabalhar burocraticamente a Literatura. E isso é matar a Literatura", lastima o regente da desarrumação e do desordenamento tão imprescindíveis à zona livre da invenção, como espera seja a percepção dos integrantes de sua orquestra nas oficinas da imaginação.

navegar na contramão

Em 2001, ele aumentaria a temperatura de seu trabalho ficcional com "Fantasma" (também pela Record), narrando os devaneios de um arquiteto que, ao tentar fazer um livro sobre Curitiba — onde Castello mora desde 1994 —, torna-se obcecado por uma das figuras mais emblemáticas da cidade, o também escritor e poeta paranaense Paulo Leminski. Agora, em 2010, ele passou a aventurar-se também em um novo território, onde afirma navegar na contramão, por meio de textos longos que compartilham com os leitores suas impressões de leitura: o blog "A literatura na poltrona" (hospedado no site do jornal O Globo), mesmo nome de seu mais recente livro, editado pela Record em 2007, reunindo textos sobre literatura e jornalismo cultural. Nestes ensaios — que trazem o subtítulo de Jornalismo literário em tempos instáveis —, Castello sugere uma certa fuga do olhar especializado da crítica, para que a Literatura se desprenda das racionalizações do divã e gravite ao redor dos devaneios proporcionados por uma poltrona sedutora. Que migre, enfim, da região de objeto de inquirição a um mais desguarnecido — de fruição e intrepidez. Iluminura: "Cada um lê com o que tem, lê com o que é, lê como pode. Não existe leitura perfeita, nem completa; muita coisa, mesmo para os leitores treinados, sempre fica de fora."

No giro incessante de uma mente que brilha, Castello anuncia seu próximo lançamento: "Ribamar", que sairá pela Bertrand Brasil, em agosto. "Vão achar que é biografia do Sarney — brinca. Mas é um romance retrabalhando lembranças e experiências em torno da relação com meu pai, José Ribamar — falecido em 1982 —, e a coisa mais pessoal que já escrevi", entrega. Mais um mergulho profundo nas águas turbulentas dos que ousam transformar-se pelas palavras.

Garrincha em nova versão

por Kelly Nascimento

O menino André Felipe Lima queria ser jogador de futebol, mas virou jornalista. Numa dessas jogadas do destino, acabou marcando gol de placa no âmbito das artes. Um, não: dois! André escreveu o roteiro e codirigiu um filme sobre Garrincha, que estreia no segundo semestre, e ainda organiza o primeiro dicionário dos craques do futebol brasileiro.

Erra quem pensa que a ideia de fazer um filme sobre o craque do Botafogo tenha surgido numa pelada de fim semana. "O filme nasceu em plena sala de aula. Eu já tinha escrito um livro sobre Garrincha. Falando a respeito, um aluno comentou: isso podia virar um filme. O aluno, Fábio Nascimento, disse que sua avó, ainda viva, tinha sido professora de Garrincha."

André resolveu seguir a pista. A parte mais difícil foram as investigações, conta. O voo de "Simplesmente passarinho" começou a ser delineado na cidade natal do artilheiro das pernas tortas, Magé. Mais especificamente no distrito de Pau Grande. "Era preciso descobrir as pessoas que conviveram com Garrincha antes dele virar lenda. Decidi investigar mais. Convidei Fábio Nascimento para a empreitada. Tivemos a ideia de desenvolver o roteiro. Fomos para Pau Grande e conseguimos encontrar personagens valiosíssimos. Entrevistamos amigos do Garrincha, o primeiro técnico — Seu 'Toti' , um de seus grandes amigos de infância — o Malvino. Entrevistamos também Roberto Leite, um dos cartolas do Esporte Clube Pau Grande e responsável por levar Garrincha para o Botafogo, que o acompanhou em seu primeiro treino, onde o futuro craque fez dribles fenomenais." Naquela época, Garrincha já havia sido dispensado pelo Fluminense e pelo Vasco.

a simplicidade de um pássaro

O mosaico de depoimentos inéditos visa a aproximar a infância de Garrincha da trajetória do Mané jogador. A simplicidade daquele menino, filho de seu Amaro e de dona Maria Carolina e sobrinho do zeloso Mané Caieira, que nunca mudou seu jeito de ser, nem mesmo no ápice da glória nos gramados é transposta à tela.

No filme, o ator Jorge Napoleão interpreta o padrinho e tio de Garrincha: Mané Caieira. A personagem foi quem mais o estimulou no co-

meço da carreira de jogador ainda na década de 1940. "Foi ele quem orientou Garrincha até ele começar a vida de jogador, foi ele quem o indicou pra fazer teste nos times do São Cristóvão e do Fluminense. Achei essa personagem importante. Baseando-me na obra de Ruy Castro, inseri no roteiro depoimentos dele. Caieira foi o primeiro da família Santos a vir para o Rio, trazendo depois o Amaro, pai de Garrincha. É um homem muito considerado em Pau Grande."

"Simplesmente passarinho" mistura depoimentos verídicos e personagens interpretados por atores. No docudrama, a tal professora, quando começa o fio da meada, aparece resgatando memórias maravilhosas da infância de Mané Garrincha. "Procurei incluir depoimentos que complementassem a obra de Ruy Castro, que também foi entrevistado para o filme, bem como João Havelange", diz o jornalista.

Merecem também destaque os depoimentos dos três 'joões' do Mané: Altair, do Fluminense; Jordan , do Flamengo; e Coronel, do Vasco. O trio formava os maiores marcadores do Mané."Se você desse um pontapé nele, estava ferrado. Ele driblava, ao invés de ir para o gol e esperava você voltar para driblar novamente. A torcida gritava 'olé!'", recorda o tricolor. Já o flamenguista lembra que o problema não era marcá-lo, mas sim conseguir acompanhá-lo. "Ele saía com muita velocidade com a bola. Para eu marcá-lo, tinha de ficar colado nele, junto dele, para não dar tempo de Garrincha pegar a bola.", relata Jordan no documentário. Já Coronel nas esquece das noites de insônia que precediam os jogos contra o Botafogo. "Se eu dissesse que dormia bem, era mentira. Era preocupante marcar o Mané. Ele era 'imarcável' Tanto que eu buscava a melhor maneira de marcá-lo, de parar a bola."

Da esquerda para a direita: Jorge Napoleão (ator que interpreta o Mané Caieira). Marco Antônio Louro (Diretor). André e Suellen Napoleão (produtora)

"Garrincha injetava humanidade no futebol. Espetacular que tenha sido ele, que tenha protagonizado o primeiro registro histórico desse tipo de acontecimento de um jogo, você botar a bola para fora para um jogador ser atendido"

No livro "Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha", Ruy Castro escreveu que Garrincha e Altair criaram, talvez sem saber, um dos lances mais bonitos do futebol — e, desde então, incorporado às regras não escritas do cavalheirismo esportivo universal. Foi no jogo entre Botafogo e Fluminense pelo torneio Rio — São Paulo, de 1960, aos três minutos do segundo tempo. Tudo começou numa disputa de bola entre Altair e Quarentinha. Foi um lance que teria comovido até Mário Filho, como descreveu Ruy Castro ao jornalista André Felipe de Lima:

"Não assisti a esse jogo, mas tive várias descrições desse jogo. O Garrincha jogou a bola para fora e na reposição de bola o Altair também jogou a bola para fora. O Mario Filho deu um salto na tribuna de honra e gritou: 'O Ghandi do futebol!'. Ghandi era o exemplo de humanitarismo daquela época. Daí veio essa ideia de que Garrincha injetava humanidade no futebol. Espetacular que tenha sido ele, que tenha protagonizado o primeiro registro histórico desse tipo de acontecimento de um jogo, você botar a bola para fora para um jogador ser atendido."

Das entrevistas, André Felipe aponta a de Jordan como a mais difícil. "Vasculhar a memória dele está muito complicado. Ele conversou conosco como se estivesse no presente. Ele tem quase 80 anos, mora num condomínio muito humilde, em Del Castilho. Ao longo da produção do filme, nos deparamos com esse tipo de situação. Na verdade, já esperávamos por isso. O abandono desses ex-ídolos é imenso. A falta de memória do brasileiro agrava a situação. Uma penca de torcedores da nova geração desconhece quem foi Ademir de Menezes. Se perguntados, vão dizer que é um político", aposta.

'coisa de maluco'

E essa dificuldade lhe serviu como inspiração

para mais uma empreitada no universo futebolístico: o projeto "Ídolos – Dicionário dos craques do futebol brasileiro de 1900 aos nossos dias". "O dicionário também nasceu de forma inusitada. Vitor, meu filho, quando tinha 9 anos, estava jogando botão comigo e de repente, me perguntou: pai quem foi o Dequinha? Volta a questão da falta de memória. Isso me comoveu. Um menino desconhecer um dos maiores ídolos do Flamengo. Aí nasceu a ideia do livro, que João Havelange classificou como 'coisa de maluco'. Ele voltou ao tempo de infância, viajou numa entrevista de quase duas horas, lembrou de ídolos de sua juventude. Ele me chamava de louco, pois dizia que ninguém faz isso", ri o louco.

A loucura é dividida em três volumes, cada um com cerca de 600 páginas. São mais de 1.500 verbetes. É uma iniciativa inédita, sem similar em outros países. "Algumas informações de nascimento são contraditórias, principalmente no começo de 1900. Todo esse conflito é citado no livro. A primeira fase da pesquisa foi dedicada ao rastreamento nos sites dos clubes para descobrir os ídolos. Também usei livros de história dos clubes, pesquisa em jornais de todos os estados, vasculhei os bancos de dados para listar os jogadores."

Feita essa triagem inicial, a segunda fase consistiu em pesquisar a vida de cada jogador. "Recebi muito material do exterior, especialmente da Argentina, do Uruguai e da Europa. Por incrível que pareça, recebi mais ajuda de gente de fora que do Brasil. Deparei até com quem cobrava para passar informações banais", recorda.

Foram cinco anos de exaustiva investigação jornalística e histórica, o resultado compensa. "De norte a sul do Brasil, listamos cerca de 1.500 jogadores, que, de certa forma, destacaram-se em seus clubes. Alguns, naturalmente, bem mais que outros, mas o que importa é que todos estiveram presentes nas conquistas mais importantes de seus clubes e outros vestiram com galhardia a camisa da seleção brasileira. São personagens literalmente inesquecíveis, que merecem todo o nosso esforço."

Em 1.500 verbetes, foram garimpadas muitas histórias marcantes."Uma delas é do Jaguaré, goleiro do Vasco, que tem uma trajetória extraordinária. Até hoje não se sabe como ele morreu. Jogou no Olimpique de Marseille, onde foi considerado o maior goleiro da história do clube. Ele começou a jogar na Europa meio que por acaso. Durante uma excursão do Vasco pela Europa, Jaguaré abandonou o time e ficou na Europa, jogando no time B do Barcelona. Na França, ele se tornou um dos maiores nomes do futebol francês de todos os tempos", conta. Um curiosidade: o livro de craques tem muitos argentinos, que ajudaram na construção do futebol brasileiro.

O dicionário dos craques brasileiros está pronto para ser lançado. A ideia é disponibilizar todo o material na internet. E é claro que o intrépido pesquisador não se deu por satisfeito. Agora ele quer ampliar a façanha e lançar dicionários do futebol inglês, espanhol, italiano, português, francês, alemão, uruguaio e, ufa!, argentino. A pesquisa já está praticamente concluída, mas ainda não há previsão de lançamento.

Relação umbilical com o esporte

Não há como negar a atração que o futebol desperta em André Felipe. "Minha relação com futebol vem da barriga de minha mãe. Sempre joguei desde pequeno. Dois fatores me impediam de jogar: problema de visão e um acidente no pé, aos 10 anos, quando levei mais de cem pontos. Um pouco dessa frustração que todo brasileiro tem de não ter sido jogador, eu estou descarregando nesse livro, por isso Havelange me chamou de louco." E viva a loucura!

Nós somos descobridores. Está na natureza dos seres humanos.
Porque desde o início a humanidade se pergunta: Amanhã como é que vai ser?
E hoje todos se perguntam: Como viver intensamente o dia a dia sem comprometer o planeta?
Somos uma mineradora global. Não só porque estamos no mundo todo.
Mas porque também pensamos no mundo. Estamos presentes nos carros,
nos computadores, em quase tudo o que você usa. E estamos também presentes
nas florestas, ajudando a preservar milhares de quilômetros quadrados de áreas verdes
ao redor do mundo. Nos rios, reaproveitando 76% da água que utilizamos.
Na terra, com fertilizantes que ajudam na produção de alimentos.
No ar, utilizando energias limpas e renováveis. E junto das pessoas, respeitando
e valorizando a sua diversidade. Nós não temos todas as respostas,
mas como descobridores também não temos medo das perguntas.
Pois são as perguntas que nos movem, movem o mundo
e movem você, hoje e amanhã.

**Porque não existe futuro
sem mineração.
E não existe mineração
sem pensar no futuro.**

Descobridores

VALE

www.vale.com/descobridores

Sob o céu de Raymundo

POR MÔNICA SINELLI

Os Museus da Chácara do Céu, em Santa Teresa, e do Açude, no Alto da Boa Vista, integram o conjunto de unidades de conservação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), do Ministério da Cultura. Suas belas sedes foram residências do empresário e mecenas Raymundo Ottoni de Castro Maya (1894-1968), um desses raríssimos brasileiros a doarem seus bens para a Fundação que levou seu nome, criada em 1963 e extinta vinte anos depois. Quando foi incorporada pela União, passaram a constituir os Museus Castro Maya.

Museu da Chácara do Céu

Museu do Açude

Arquivo Castro Maya

Raymundo Ottoni de Castro Maya na residência do Açude, em 1935

Muito se pode discorrer a respeito de seu patrono, além de benemérito carioca, foi advogado, industrial, esportista, editor de livros, colecionador, fundador de sociedades culturais e defensor do patrimônio histórico, artístico e natural. Nascido em Paris, era filho do renomado engenheiro Raymundo de Castro Maya — homem culto, pessoalmente convidado por D. Pedro II para ser preceptor de seus netos — e de Theodozia Ottoni de Castro Maya, de tradicional família mineira. Além de atuar no comércio atacadista de tecidos, sua empresa (Cia. Carioca Industrial) se destacava também na fabricação de óleos vegetais, tornando-se bastante famosa por intermédio de seu produto mais popular, a Gordura de Coco Carioca.

A coordenação dos trabalhos de remodelação da Floresta da Tijuca, a convite do então prefeito do Rio de Janeiro, Henrique Dodsworth, em 1943, representou a única vez em que ocupou cargo público. Por uma remuneração simbólica, que lhe valeu o slogan de *one dollar man*, empenhou-se na urbanização desse grande parque florestal, cuja eficiente administração resultou, três anos mais tarde, na impressionante atração de cinco mil visitantes por fim de semana. Ainda em 1943, a criação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, e, em 1952, a da Sociedade Os Amigos da Gravura, afirmavam seu incentivo a valores artísticos nacionais, o que, somado à busca do acesso público as suas coleções, fazia dele um mecenas moderno e comprometido com a cidade onde morava.

Sua participação na fundação, em

1948, do Museu de Arte Moderna (MAM), do qual foi o primeiro presidente; a coordenação da comissão organizadora do IV Centenário da Cidade, em 1964/65; o trabalho na Câmara do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Conselho Federal de Cultura, para a qual fora nomeado em 1967; a edição dos livros de Debret (Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, 1954) e de Gilberto Ferrez (A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, 1965); a publicação do livro de sua autoria sobre a Floresta da Tijuca, em 1967; e, finalmente, a Fundação Raymundo Ottoni de Castro Maya, em 1963, com a abertura do Museu do Açude (1964) e do Museu da Chácara do Céu (1972), configuram passagens marcantes na prolífera vida de Raymundo Ottoni de Castro Maya. A prática de colecionador, originária dos conjuntos de moedas, livros e objetos de arte de seu pai, durou quase 50 anos, entre 1920 e 1968, numa época em que ainda não existiam galerias de arte e começavam a aparecer os primeiros marchands. Os cerca de 22 mil objetos — entre peças, livros e documentos — acumulados por ele ao longo desse tempo formam o acervo dos dois museus.

vertentes distintas

A filosofia dos museus da Chácara do Céu e do Açude teve por gênese a amplificação do conceito de patrimônio — que hoje compreende,

Arquivo Castro Maya

Raymundo de Castro Maya e convidados na residência do Açude na década de 1940

além dos bens móveis e imóveis de valor histórico e artístico, o meio ambiente e os chamados bens não tangíveis, como a língua de um povo, suas tradições, costumes, conhecimentos técnicos e experiências práticas — e a teoria museológica contemporânea, que estabelece como principais atribuições dos museus os aspectos preservação-pesquisa-educação-comunicação. "Conceituamos os Museus Castro Maya — explica sua diretora, Vera Alencar — por dois trinômios: museu-arte-cidade, para o da Chácara do Céu, e museu-natureza-cidade, para o do Açude. Trata-se apenas de definir a ênfase dada a cada um deles por suas características de localização, tipo de acervo e proposta educativa. É claro que não se exclui a arte do Museu do Açude, nem a natureza na Chácara do Céu. Mas, a partir desse conceito, estabelecemos algumas linhas de ação que orientam nossa programação."

Em relação ao Museu do Açude — uma propriedade de estilo neocolonial em área de mais de 150.000m² na Floresta da Tijuca —, definiu-se o trinômio em razão não só da localização, mas também das conexões de seu criador com o espaço que ajudou a modelar, sem falar no presente tema da preservação do patrimônio natural. Nesse sentido, são funções do Museu do Açude desenvolver e apoiar atividades capazes de articular cultura e natureza, sob uma perspectiva de patrimônio integral, ao fundir as

Arquivo Castro Maya

Jantar de inauguração do MAM e vernissage da Chácara do Céu em 1958

"Caçada ao Javali". Portugal, século XVIII. 221 x 192 cm. MEA 1786. Foto José de Paula Machado

Franz Post (1612-1680). "Engenho de açúcar", século XVII. Óleo/tela, 67 x 89 cm. MEA 4032

agendas de educação e pesquisas ambientais e turismo ecológico.

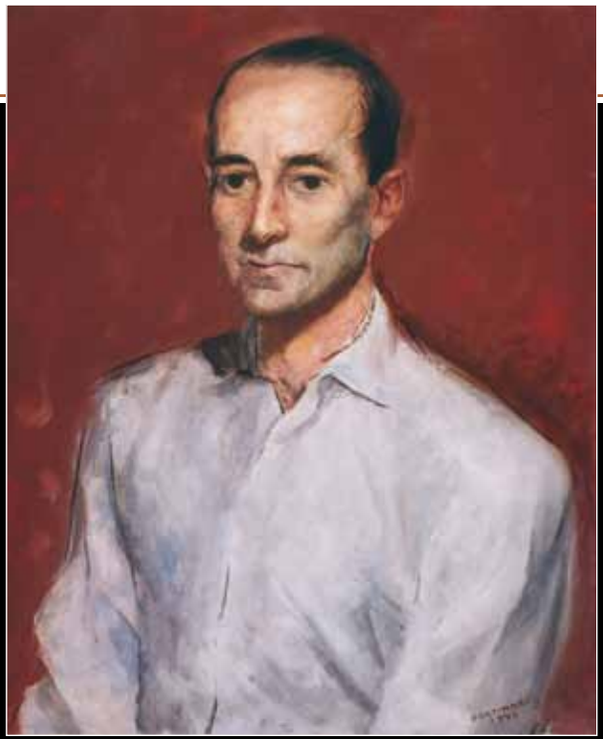
No conjunto de edificações e jardins de corte lusitano, sobressai a coleção de azulejaria — painéis franceses, holandeses, espanhóis e, sobretudo, portugueses dos séculos XVII ao XIX — e louça do Porto, tipo de faiança ornamental, fabricada a partir do século XIX em Portugal. A coleção de arte oriental reúne exemplares raros de esculturas chinesa, indiana e indochinesa, além de porcelanas de origens diversificadas. As artes aplicadas estão igualmente representadas por expressivo conjunto de mobiliário luso-brasileiro, prataria de origens brasileira, portuguesa, inglesa e francesa e por cristais franceses. "Em 1999, criou-se o Espaço de Instalações Permanentes, que contempla a arte contemporânea em um circuito museológico ao ar livre. Ao relacionar arte, patrimônio e natureza, o projeto dá continuidade ao interesse que Castro Maya manteve em vida de estimular a cultura brasileira e acompanha uma tendência internacional de transformar grandes espaços públicos em museus a céu aberto. Integram o circuito obras de artistas como Iole de Freitas, Anna Maria Maiolino, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Nuno Ramos, José Resende, Piotr Uklanski e Eduardo Coimbra", assinala Vera Alencar.

Ponte arte-cidade

Já o trinômio da Chácara do Céu se estabeleceu frente à excelência de seu cabedal artístico e iconográfico. Foram preservadas as características originais de residência — a exemplo da disposição da sala de jantar e da biblioteca —, destinando-se outros espaços para exposições temporárias do acervo. A casa de Santa Teresa, conhecida desde 1876 como Chácara do Céu, foi herdada por Castro Maya em 1936. Projetada em 1954 pelo arquiteto Wladimir Alves de Souza, a edificação atual se distingue pela modernidade

Jean-Baptiste Debret (1768-1848)." Cadeirinha de baiana", 1829. Aquarela, 14,5 x 20,4 cm. MEA 057

BUDA MUCALINDA. Khmer, séculos XII-XIII. Grés, 35 x 20 x 31 cm. MCC 135. Foto Rômulo Fialdini



Candido Portinari (1903-1962). "Retrato de Raymundo Ottoni de Castro Maya". 1943. Óleo/tela, 72,5 x 60 cm. MCC 1608. Foto Vicente de Mello.

das soluções arquitetônicas e pela integração dos jardins que descortinam uma vista panorâmica do Rio, com o fundo da Baía de Guanabara. Desenvolver e incentivar atividades educativas, exposições, eventos e pesquisas que mostrem a arte e a cidade em sua relação de interdependência são responsabilidades desse museu, fazendo do exercício de difusão cultural uma ferramenta de amadurecimento da cidadania.

Lá, abriga-se a coleção de arte europeia, com pinturas, desenhos e gravuras de artistas como Matisse, Monet, Picasso, Modigliani, Degas, Seurat e Miró; a de arte brasileira, composta sobretudo por trabalhos de artistas modernos, a exemplo de Guignard, Di Cavalcanti, Pancetti, Volpi, Iberê Camargo, Antônio Bandeira e Manabu Mabe, além do maior acervo público de Portinari; e a Biblioteca Castro Maya, com cerca de oito mil títulos entre livros de arte e literaturas brasileira e europeia. Quatro séculos de Brasiliana podem ser apreciados em cerca de 1.700 imagens avulsas. As cartas geográficas gravadas a buril por Frederik de Wit, Henricus Hondius, Gio Cassini e Antonius Gallus, nos anos 600, ladeiam-se a óleos, aquarelas, guaches, desenhos e gravuras de viajantes do século XIX, como Rugendas, Chamberlain e Taunay. Destacam-se, ainda, os mais de 500 originais de Debret, adquiridos por Castro Maya em Paris, em 1939 e 1940. Ele enveredou, também, pelas manifestações artísticas populares, reunindo peças de Mestre Vitalino e de outros ceramistas nordestinos.

A coleção de arte oriental, com perto de 400 peças, permite uma visão geral da arte concebida no outro lado do mundo. O acervo de esculturas (em bronze, ferro e pedra) exibe exemplares raros, apresentando vários períodos das milenares culturas chinesa, indiana e indochinesa. A pintura encontra na paisagem e nos assuntos religiosos sua principal fonte de inspiração, em obras oriundas da China, da Índia e da Tailândia, do século XIV ao XIX. O grande destaque vai para um conjunto de xilogravuras de Hokusai, Kiyonobu e Hiroshige, importantes artistas japoneses entre os séculos XVII e XIX e, ainda, um afresco

e trabalhos a têmpera e nanquim chineses. A coleção de cerâmica engloba peças de porcelana de exportação, como a louça da Companhia das Índias, cujos padrões remetiam ao gosto europeu, e da tradicional arte cerâmica do oriente.

Na Biblioteca Castro Maya, encontram-se desde publicações dos primeiros viajantes do século XIX — como Maria Graham, Maximilian von Wied-Neuwied, Henry Chamberlain, William Gore Ouseley e Victor Frond, editados em Paris, Londres e Berlim — a edições de arte, a exemplo do Jazz de Matisse. Há, também, os 23 livros que fazem parte da Sociedade Os Cem Bibliófilos do Brasil, fundada por Maya em 1943, e que editou clássicos da literatura brasileira, ilustrados por grandes nomes de nossas artes plásticas. Entre eles, Memórias Póstumas de Braz Cubas, de Machado de Assis, ilustrada por Candido Portinari (1943); Espumas Flutuantes, de Castro Alves, por Santa Rosa (1945); O Caçador de Esmeraldas, de Castro Alves, por Enrico Bianco (1951); Macunaíma, O Herói sem nenhum caráter, de Mario de Andrade, por Carybé (1957); Menino de Engenho, de José Lins do Rêgo, por Portinari (1959); Pasárgada, de Manuel Bandeira, por Aldemir Martins (1960); A Morte e a Morte de Quincas Berro D´Água, de Jorge Amado, por Di Cavalcanti (1963); Campo Geral, de Guimarães Rosa, por Djanira (1964); As Aparições, de Jorge de Lima, por Eduardo Sued (1966); e Ciclo da Moura, de Augusto Frederico Schmidt, por Cícero Dias (1967).

Recortes temáticos

"Para as exposições temporárias, adotamos o critério de fazer recortes temáticos dentro da nossa própria coleção, pois todo acervo museológico oferece muitas possibilidades de leitura, e um dos compromissos primordiais dos museus de arte é oferecer ao público a chance de conhecê-lo sob diversos ângulos. A coleção Brasiliana, por exemplo, uma das maiores e mais importantes do país, foi mostrada sob a ótica da paisagem brasileira nos séculos XVIII e XIX, na exposição A Paisagem Pitoresca no Brasil. Outra vertente é o projeto que chamamos de "Encontro de Colecionadores, em que recebemos coleções particulares ou públicas. Ainda temos, por procedimento usual, o empréstimo de nossas obras para exposições no Brasil e no exterior, além de produzirmos mostras próprias para apresentação fora do museu", informa Vera.

Segundo ela, o principal projeto para o futuro está relacionado à construção do anexo de apoio técnico, com um novo acesso à Chácara do Céu. "Por se tratar, originalmente, de um projeto para residência, o Museu apresenta deficiências em relação às necessidades inerentes a suas atividades. O novo prédio contará com espaços exclusivos para reservas técnicas, administração, salas para atendimento a pesquisadores, terraço, jardim de esculturas, auditório, loja e cafeteria. Possibilitará, também, a entrada de visitantes que utilizam transporte coletivo (como o bondinho de Santa Teresa), por meio de um plano inclinado que levará até o nível do pilotis, acesso principal da casa, sem a necessidade de percorrer um longo caminho em aclive, como acontece atualmente. Com o projeto já aprovado, as obras — a partir de recursos provenientes do Ibram e do BNDES — deverão ter início ainda este ano", adianta a diretora dos Museus Castro Maya.

Bem-vindo ao jardim do éden

por Deborah Dumar

Antiga residência do pintor e paisagista Roberto Burle Marx, em Barra de Guaratiba, na Zona Oeste da cidade, o sítio que leva seu nome está aberto à visitação pública. O passeio pela propriedade, que abriga um importante acervo botânico, com cerca de 3.500 espécies cultivadas em uma área de 365 mil metros quadrados, é uma excelente oportunidade para conhecer melhor os experimentos, a trajetória e o cotidiano desse brasileiro, que conquistou renome e prêmios, aqui e no exterior, pela beleza e a originalidade de sua obra.

O majestoso parque em que Burle Marx morou, entre 1973 e 1994, quando veio a morrer, está localizado na região conhecida, até o século XVII, como Engenho da Bica, em razão das fontes de água na parte superior do terreno que também serviam aos que viviam nos arredores. Ao lado da casa principal, o fazendeiro baiano Belchior da Fonseca Dória mandou erguer uma capela em homenagem a Santo Antônio, em seus últimos dias. A partir daí, o lugar passou a se chamar Sítio Santo Antônio da Bica. Tempos depois de comprá-la, com o desgaste do tempo, Burle Marx a restaurou, com o auxílio luxuoso dos amigos Lúcio Costa e Carlos Leão. E, ainda hoje, os habitantes de Guaratiba utilizam a capela para realizar suas cerimônias.

Dividida em jardins ao ar livre, a coleção de

Percorrer as várias partes desse paradisíaco lugar é, antes de tudo, romper com o estresse da grande cidade

plantas originárias de florestas brasileiras e de outros países — a maioria ornamental, com destaque para as tropicais e semitropicais — se espalha por lagos, nascentes, pedreiras e áreas construídas com material de demolição por Burle Marx, como o muro do lago em frente à varanda da casa, decorado com plantas aquáticas, e o ateliê inacabado, na parte mais alta.

Há espécies da Mata Atlântica, do cerrado, da Amazônia e outras provenientes da África, da Ásia e da América Central, explica o chefe da divisão técnica, Marlon da Costa Souza, que acompanhou nossa equipe nessa viagem ao universo de Burle Marx. "Ele não quis fazer daqui apenas um jardim, mas um local para experiências botânicas, onde podia aclimatar as mudas, acompanhar seu desenvolvimento e utilizá-las em seus projetos." Ao longo de sua existência, Burle Marx fez seguidas viagens de coleta de plantas pelas diversas regiões do país e do mundo, acompanhado de sua equipe e de botânicos.

sem estresse

Bromélias, palmeiras, sagus, cactus, filodendros e ipês disputam espaço com árvores frutíferas, como as mangueiras, jabuticabeiras e pitangueiras. Há também uns frutinhos muito cobiçados na atualidade, em particular por jovens desportistas e antenados, o açaí, que convive harmoniosamente com, por exemplo, a lichia. Há lugar para tudo isso nos jardins de Burle Marx.

Percorrer as várias partes desse paradisíaco lugar é, antes de tudo, romper com o estresse da grande cidade. Na medida em que se avança na visita guiada por profissionais treinados e bilíngues, você consegue enxergar não apenas flores, folhas, águas e edificações, como também diferenciar os vários tons de

Na medida em que se avança na visita guiada por profissionais treinados e bilíngues, você consegue enxergar não apenas flores, folhas, águas e edificações, como também diferenciar os vários tons de verde, sobrepostos como numa obra de arte, e observar a harmonia das formas da Natureza

verde, sobrepostos como numa obra de arte, e observar a harmonia das formas da Natureza. E ouvir o canto dos pássaros, o ruído do vento, que embala os galhos e varre as folhas, o som do silêncio impensável nos dias de hoje. Ao final do dia de outono, a umidade e o pio da coruja nos informam que a noite não tarda a chegar.

Assinatura inconfundível

O toque de arte de Burle Marx pode ser percebido em cada canto do sítio, que ele e o irmão mais jovem, Guilherme Siegfried, adquiriram na década de 40 e que foi doado à União, em 1985, à extinta Fundação Nacional Pró-Memória, para que ali funcionasse um centro de estudos de paisagismo, botânica e conservação da natureza, que hoje é mantido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão do Ministério da Cultura.

Estão em exposição obras do próprio artista – que aprimorou seus conhecimentos na Escola de Belas-Artes – como pinturas, serigrafias, painéis de azulejos, desenhos, tapeçarias, imagens barrocas, vasos de murano, cerâmica pré-colombiana, vitrais, além de peças de arte popular, como as famosas obras do Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais) – há uma sala repleta delas – e as esculturas de Miguel dos Santos e Mestre Nuca.

São 3.125 peças que integram o acervo do Museu-Casa de Burle Marx, cujo levantamento foi apoiado, à época, pela Fundação Vitae, um dos parceiros da instituição. Ele as considerava "objetos de emoções poéticas".

Vale lembrar um pouco a história desse poeta das artes para que possamos compreender algo sobre a sua visão e seu trabalho nos ateliês e pranchetas. Nascido em São Paulo, em 4 de agosto de 1909, Roberto era filho de uma pernambucana e de um comerciante alemão. Veio com a família para o Rio de Janeiro ainda criança, morou em um casarão no Leme, porém, anos depois, embarcaria para a Europa, onde entrou em contato com a vanguarda da pintura europeia.

Picasso, Matisse, Paul Klee e Van Gogh aguçaram seu interesse pelas artes plásticas. Logo, ele se matricularia no ateliê de Degner Klemm. No entanto, foi em Berlim que Roberto Burle Marx despertaria para a botânica. Em visitas fre-

quentes ao Botanischer Garten Und Botanisches Museum Berlin-Dahlem — as estufas de vegetação brasileira chamaram-lhe a atenção. De volta ao Rio, em 1930, o amigo e vizinho Lúcio Costa o estimulou a ingressar na Escola de Belas Artes, onde conviveria com grandes nomes da arquitetura moderna, como Oscar Niemeyer, Hélio Uchoa e Milton Roberto, para citar alguns. Em convívio com aqueles que inscreveriam seus nomes entre os grandes urbanistas brasileiros, Burle Marx não tardou a fazer parte desse time.

E, em toda a sua vida, jamais quis ser o autor de apenas uma técnica ou estética. "Se faço jardins, não quero fazer pintura, se faço pintura, não quero fazer gravura em madeira, se faço xilogravura, não quero fazer litografia; cada especialidade pede uma técnica e um meio de expressão. Por isso, eu me bato muito: não quero fazer uma pintura que seja jardim. Que a pintura e os problemas artísticos tenham influenciado todo meu conceito de arte, não há dúvida. Tenho procurado na vida não me cingir a uma fórmula. Detesto fórmulas. Eu amo os princípios", afirmava.

Ao longo de sua existência, Burle Marx fez seguidas viagens de coleta de plantas pelas diversas regiões do país e do mundo , em companhia de sua equipe e de botânicos.

Ruptura e reconhecimento

A partir dos anos 30, já de volta ao Brasil, influenciado por Le Corbusier e incentivado por Lucio Costa, ele se torna um revolucionário do urbanismo. Cria jardins impensáveis, rompendo com os padrões da época — os de estilo europeu — através de plantas tropicais e a estética da pintura abstrata, alguns bem sinuosos, outros de linhas retas, criando blocos de cor com plantas nativas.

"Que a pintura e os problemas artísticos tenham influenciado todo meu conceito de arte, não há dúvida. Tenho procurado na vida não me cingir a uma fórmula. Detesto fórmulas. Eu amo os princípios" Burle Marx

Depois de bolar o projeto paisagístico de uma casa desenhada pelos arquitetos Lucio Costa e Gregory Warchavchik, em 1932, viajou para o Recife, tornando-se o diretor de Parques e Jardins, em 1934, após a inauguração do primeiro jardim público, o da Praça da Casa Forte.

Até então, sua visão era eclética e ele projetou mais de uma dezena de praças, já começando a se destacar como paisagista, ao utilizar vegetação nacional. Veio, então, o convite para integrar a equipe do Palácio Gustavo Capanema, no Centro do Rio, em que desenvolveu um incomum senso de brasilidade na moderna arquitetura. O terreno-jardim se transformou em um marco revolucionário, com uma configuração

considerada inédita em âmbito internacional. Não parou mais.

Entre as obras daquele que foi chamado por Tarsila do Amaral de "o poeta dos jardins", destacam-se, no Rio de Janeiro, os jardins e terraços do Aeroporto Santos Dumont, o calçadão de Copacabana, a orla do Leme, o Largo da Carioca, os jardins suspensos do Outeiro da Glória, o acesso e jardins do BNDES e da Petrobras, além de trabalhos particulares, como os encomendados pelos empresários Roberto Marinho e Castro Maya.

Menina dos olhos

Porém, o trabalho de maior destaque no Brasil, sem dúvida, foi o do Parque do Flamengo, tido por muitos como o nosso Central Park. Pro-

jetado entre 1954 e 1959, do Santos Dumont à Enseada de Botafogo, com 7 quilômetros de extensão e 1.301.306 metros quadrados, só veio a ter as obras iniciadas nos anos 60, dentro do que planejou o arquiteto Affonso Eduardo Reidy. E, embora o projeto paisagístico tenha a assinatura de Burle Marx, quem efetivamente defendeu que ele se concretizasse, no governo de Carlos Lacerda, foi Lotta de Macedo Soares.

Incluem-se aí os jardins do Museu de Arte Moderna, o Monumento aos Pracinhas da Segunda Guerra e a Praça Salgado Filho, em frente ao aeroporto. As obras do aterro foram realizadas com material do desmonte do Morro de Santo Antônio, no início dos anos 50. Este trabalho, o aterro e a construção do parque visavam à integração de Copacabana ao Centro, por vias expressas. Dos trabalhos em parceria com Oscar Niemeyer e Lucio Costa, podemos relacionar o Parque da Pampulha (MG), Brasília (DF) e o Parque do Ibirapuera (SP)

o bon vivant e a gastronomia

A casa em que Burle Marx viveu até o fim, está preservada como ele a deixou. A simplicidade do quarto de dormir do artista celebrado mundo afora impressiona. O piano da sala de estar — ele era apaixonado pelo canto lírico — e a mesa de jantar representam importantes peças de sua vida em Guaratiba. Nos fins de semana, o apreciador da música e da boa mesa promovia animados encontros com os amigos.

Algumas iguarias que o artista criava para servir nesses almoços, em parceria com o cozinheiro Cleofas Cesar da Silva, que o acompanhou por mais de duas décadas, tinham a sua marca. Roberto adorava a cozinha e cuidava, com esmero, da apresentação dos pratos, que ele transformava em um espetáculo à parte. As toalhas de mesa, ele fazia questão de pintá-las para receber os convidados, famosos ou anônimos.

Era um perfeito anfitrião e sua casa era frequentada por Le Corbusier, Volpi, Vinicius de Moraes, Mercedes Sosa e muitos outros. Os que desfrutaram desses momentos, tiveram a chance de provar uma bebida que ele preparava, o drinque "tangolangomangotango" — à base de vinho e frutas.

Nas grandes ocasiões, como na comemoração de seu aniversário, centenas de pessoas ocupavam o grande salão de festas, na área externa, um projeto que leva as assinaturas de Haroldo Barros e Rubem Breitman e foi premiado pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil em 1963. Também do lado de fora da casa, está a "Loggia", em que ele atuava como serigrafista e pintor de grandes painéis.

Como estudioso, descobriu 46 novas plantas, das quais 26 levam seu nome. Entre elas, podemos mencionar: *Aechmea burle-marxii E. Pereira*; *Anthurium burle-marxii G. M. Barroso*; *Begonia burle-marxii Brade*; *Cryptanthus burle-marxii Leme*; *Heliconia aemygdiana R. Burle Marx*; *Heliconia burle-marxii L. Emygdio*; *Orto-*

phytum burle-marxii L. N. Smith & R. W. Read; e Vellozia burle-marxii L. B. Smith.

Muito procurado por turistas estrangeiros, estudantes e pesquisadores de botânica, arquitetura e artes, o Sítio Burle Marx recebe grupos somente em visitas guiadas, para até 25 pessoas, que duram aproximadamente uma hora e meia. Os ingressos custam R$ 5,00.

Sítio Roberto Burle Marx

Estrada Roberto Burle Marx 2019 – Guaratiba.

Telefone: 2410-1412.

Mais informações no site:

sitioburlemarx.blogspot.com

BOA VIAGE
RIO DE JANEI

a esquadra da Cantareira

ensaio fotográfico de **Marcelo Carnaval**

Letra da música "O Barquinho", de **Roberto Menescal** e **Ronaldo Bôscoli**

Bom-dia, Rio. Boa-noite, Niterói. Ou será o vice-versa? A ordem dos fatores não altera a poesia que singra as águas da Baía de Guanabara, dia sim, dia sim. As barcas da Cantareira formam um verso de pouca rima e métrica desconjuntada. Elas rimam, por exemplo, com povo, rio, janeiro, povo do Rio de Janeiro. Raras vezes o cotidiano ninou tão gostoso no balanço do mar. Ir e vir, vir e ir. Exercício de livre-arbítrio. Nas barcas democratizamos uma fatia no nosso amor pela cidade.

Dia de luz / Festa de sol / E o barquinho a deslizar / No macio azul do mar

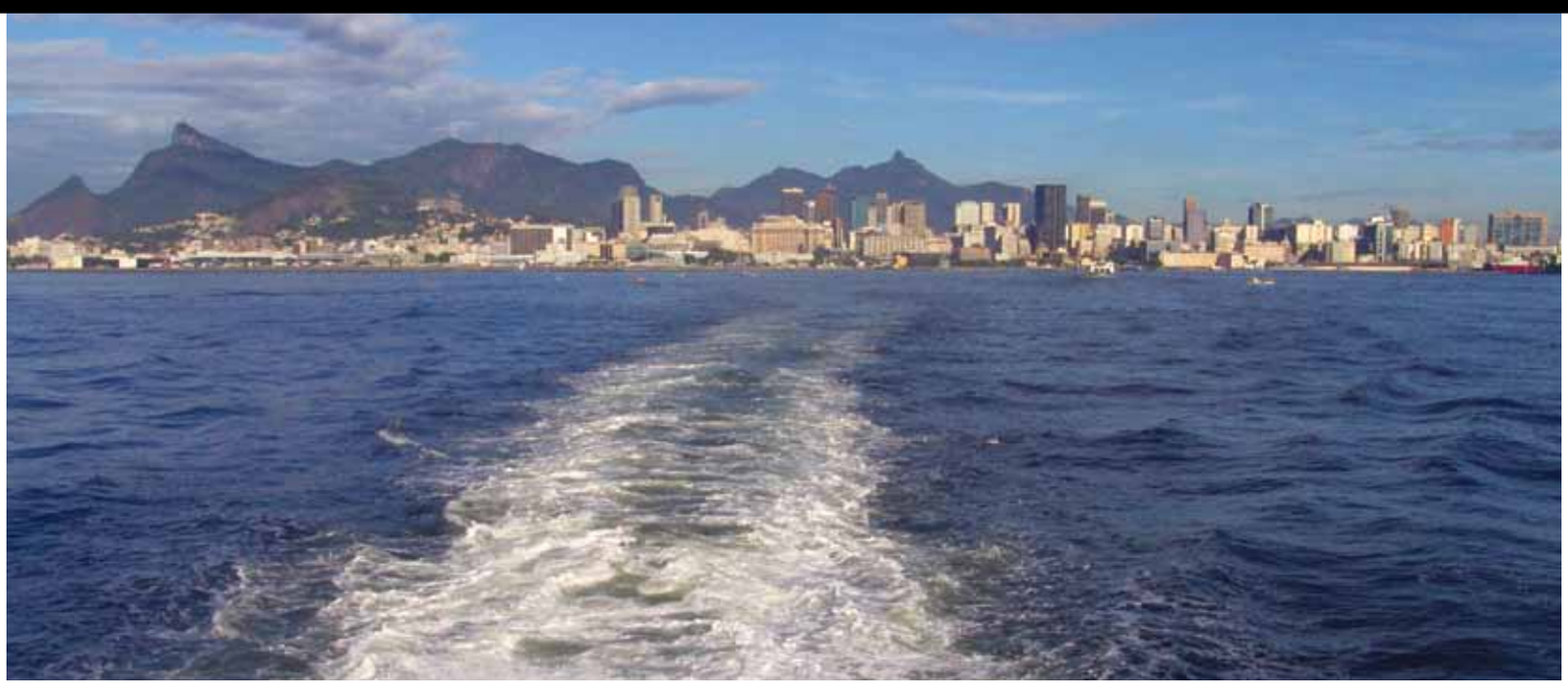
Tudo é verão / O amor se faz / Num barquinho pelo mar / Que desliza sem parar

Sem intenção nossa canção / Vai saindo desse mar

E o sol beija o barco e luz / Dias tão azuis

Volta do mar / Desmaia o sol / E o barquinho a deslizar / E a vontade de cantar

Céu tão azul / Ilhas do sul / E o barquinho é um coração / Deslizando na canção



Tudo isso é paz / Tudo isso traz / Uma calma de verão e então

O barquinho vai / A tardinha cai / O barquinho vai

Palmas para o croquete!

por Julia Santhiago

Desafiamos quem nos últimos 65 anos, ao subir a serra para Petrópolis, não foi fisgado e deu uma paradinha no chalé de estilo normando, bem em frente ao Quitandinha, que oferece quitutes inumeráveis e, máximo dos máximos, um croquete de carne insuperável. Se você nunca parou por lá, ou é ruim da cabeça ou doente do pé. Ou fala "cocrete"!

Loja Rio-Petrópolis

Pão com linguiça e queijo

Croquete

Da fábrica de biscoitos amanteigados inaugurada em 1945 aos dias de hoje, quando a Casa do Alemão já contabiliza seis unidades e está em vias de inaugurar mais uma no Rio de Janeiro, muita história se passou. Se desde o início os biscoitos logo se tornaram sucesso, a chegada do casal Kern à sociedade, trazendo produtos de salsicharia e confeitaria, impulsionou o crescimento da empresa e o forte sotaque alemão de Stephan Kern, batizou definitivamente o lugar: Casa do Alemão.

O caminho para a abertura de filiais no Rio de Janeiro era uma demanda antiga dos frequentadores, que queriam ter mais perto os quitutes que lembravam seus fins de semana. E foi assim que a Casa do Alemão expandiu seus domínios no Rio de Janeiro e encurtou a distância entre sua fiel clientela, como conta o sócio administrador da rede, José Afonso Guedes Vaz, "O carioca em geral, além do petropolitano, sempre prestigiou a empresa e consumiu muito os nossos produtos. A abertura da primeira loja no Rio foi uma respostas aos diversos pedidos que recebíamos. Diante disso, entramos com

Mil folhas

Bismcoito palitinho

todo o vapor no mercado carioca e temos tido muito sucesso". Sem dúvida, os negócios devem estar atingindo bom êxito, tanto que depois de três anos da abertura da loja da Barra, eles desembarcam agora num dos pontos mais charmosos da Zona Sul do Rio, a Avenida Ataulfo de Paiva, no Leblon.

José Vaz conta que com a abertura da filial da Barra da Tijuca observou uma mudança no perfil de consumo. "Se na serra as pessoas compravam alimentos para serem consumidos em casa ao longo da semana, com a facilidade da loja mais próxima, isso mudou e a partir daí pensamos em abrir mais uma casa no Rio que esperamos alcance o mesmo sucesso que temos tido na Barra".

Brioche

Da inauguração até os dias de hoje muita coisa mudou na Casa do Alemão. As lojas adotaram um moderno conceito visual, além de nova logomarca. Mas o que se mantém inalterado são as tradicionais receitas alemãs, seguidas à risca nesses mais de 60 anos. Um dos segredos, segundo José Vaz, é a fabricação própria, totalmente artesanal e com ingredientes rigorosamente selecionados. "A tradição é o carro-chefe da empresa", conta. Mas o segredo da receita do famoso croquete de carne ele não revela.

Junto com o croquete que fez a fama da casa, o pão com linguiça está também entre os mais pedidos. Além desses, o público elegeu os sanduíches de lombinho defumado, salsicha viena, lyoner com picles, apresuntado e krakauer fino. Todos podem ser servidos com os deliciosos acompanhamentos tradicionais da casa: patê,

Loja Quitandinha

Loja Itaipava

Loja Via Dutra

Loja do Centro de Petrópolis

Junto com o croquete que fez a fama da casa, o pão com linguiça, está também entre os mais pedidos. Além desses, o público elegeu os sanduíches de lombinho defumado, salsicha viena, lyoner com picles, apresuntado e krakauer fino

Mini croquete

queijo prato ou minas. Para beliscar, as porções de linguiça, sampler de frios e minicroquetes de carne, frango e bacalhau que não deixam a desejar. As lojas da Rio-Petrópolis, da Avenida Presidente Dutra e de Itaipava, oferecem saladas que são sempre acompanhadas de batatas e chucrute. Os destaques são o kassler (costeleta de porco) defumado e o eisbein (joelho de porco). Na hora da sobremesa — sim há que se guardar um espaço para ela — os doces alemães são a grande pedida. Strudel de maçã, torta sacher, torta alemã, sonho, rocambole de rum e o mil folhas dividem a preferência da clientela com a tradicional trouxinha de maçã, de banana e a torta de maçã caramelada. Para degustar em casa os clientes encontram artigos de *bombonière* como pão de mel, canudinho de chocolate, bombom com amendoim, bombom suíço, rosquinha de chocolate e bala de coco além das inúmeras opções de pães e biscoitos amanteigados de fabricação própria. Uma pedida e tanto para esses dias de temperatura mais amena no Rio de Janeiro.

Um homem chamado integridade

João Paulo dos Reis Velloso
Economista e ex-ministro do Planejamento

Cheguei ao Rio, definitivamente, em 1951. Tinha vindo de Parnaíba, no Piauí, um ano antes, atendendo a um pedido de minha mãe. Tinha terminado o ensino médio e lá não existia curso superior. E ela havia me perguntado o que eu estava fazendo ali e porque não ia para o Rio? Vim, então, conhecer a cidade e assisti ao fatídico jogo Brasil e Uruguai. Nunca vi tanto choro.

Mas se era para sair de Parnaíba, não havia outra escolha que não fosse o Rio. E assim fui morar em Nilópolis, que era bem diferente do que é hoje. Quando desci no aeroporto, um amigo veio me buscar e seguimos viagem no trem da Central do Brasil. Vivi então uma verdadeira odisseia carioca. Apesar de ter residido fora da cidade algumas vezes, nunca traí o Rio. Saí na época que a capital foi transferida e fui morar em Brasília. Fiquei lá por sete meses. Quando Jânio Quadros assumiu, eu parti, célere, para fazer minha pós-graduação no exterior. Na segunda vez, foi no governo Geisel e ele logo avisou que ministro do seu governo tinha que viver em Brasília. Fazer o quê?

Na minha casa eu sou o único que não nasceu no Rio. Minha mulher, Izabel Barroso do Amaral, é carioca e meus filhos também. Tenho uma forte ligação com esta cidade e aproveitamos tudo que ela tem de melhor: cinemas, teatros, shows, livrarias. Enfim, em toda atividade cultural a gente está presente. Sem isso, a vida fica manca.

O Rio é minha oficina de trabalho intelectual. Há poucos dias acabei de lançar o "Memorial da Virgem", meu primeiro livro não econômico. Ele surgiu de uma situação inusitada. Tive um problema, no ano passado, com uma espinha de salmão que me levou a um CTI por alguns dias. Ficava ouvindo a Rádio MEC e como não tenho o hábito de ver televisão, comecei a pensar em diversas coisas, inclusive em uma viagem que fiz com minha mulher a Éfeso. Daí surgiu a ideia de um livro interpretando o fenômeno do cristianismo. E como já havia o "Memorial de Maria Moura", de Rachel de Queiroz, e o "Memorial do Convento", de Saramago, por que não o "Memorial da Virgem"? Esse foi o primeiro de três volumes sobre o tema cristianismo. Espero que as pessoas gostem, pois já estou no meio do segundo volume, que irá se chamar "Cristãos que se beijam", e o terceiro abordará o período do nosso tempo, em que Deus precisa dos homens.

Além de escrever esses livros, uma outra ideia que tem me entusiasmado é o projeto de levar ao 23º Fórum Internacional, que será realizado em maio de 2011, a criação do Festival Internacional de Cinema. Adivinhem onde deverá ser a capital do evento?

O Governo do Estado abriu 83 novas escolas técnicas. E já formou para o emprego mais de 400 mil jovens.

Trabalhando junto com o Governo Federal, as Prefeituras e a Sociedade, o Governo do Estado do Rio de Janeiro alcançou conquistas que pareciam impossíveis até alguns anos atrás.

GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SOMANDO FORÇAS

GRAÇAS AO TALENTO DOS NOSSOS EMPRESÁRIOS, **O BRASIL É PRESENÇA** CADA VEZ MAIS FORTE NA **ECONOMIA MUNDIAL.**

No ranking anual elaborado pela revista Forbes com as **100 maiores empresas** do mundo, o Bradesco se destacou na **51ª colocação.** Mas tão importante quanto a presença do Bradesco é a presença de mais empresas brasileiras, comprovando que o **Brasil é presença** forte e indiscutível na economia mundial. Parabéns a todos os empresários que contribuíram com seu talento e visão para esse resultado.

bradesco.com.br

Presença

NEOGAMA/BBH

Bradesco